PLACAR
SCORE Editora
ED. 1505 NOVEMBRO 2023 R$ 15,00
DE R$ 25,00 POR:
R$ 15,00
POR TEMPO LIMITADO
O INÉDITO TÍTULO DO FLUMINENSE NA LIBERTADORES, AO VENCER O BOCA NO MARACANÃ, ALÇA O MAIS ARROJADO (E CONTROVERSO) TÉCNICO BRASILEIRO A UM NOVO PATAMAR. DINIZ JOGA PARA A FRENTE E AGORA TAMBÉM LEVANTA TROFÉUS. CONHEÇA OS SEGREDOS DE SUA FILOSOFIA DE JOGO
O DINIZISMO VENCEU

Proibido para menores de 18 anos.
bet
RFZS
betnacional
ZOEIRA BRASILEIRA
bet TV
betnacional
A BET DOS SECADORES BRASILEIROS
PROFETIZE JÁ!
SAQUE RÁPIDO VIA PIX • SUPORTE 24H • JOGOS AO VIVO

# O INSTANTE DECISIVO

Em um texto da edição de 50 anos de PLACAR, o ex-diretor de redação da revista, Sérgio Xavier Filho, foi direto ao ponto: "Era batata: os fotógrafos todos se acotovelando de um lado do gramado e um sujeito sozinho do outro, arrumando com calma seus equipamentos. O lobo solitário era fotógrafo de PLACAR. Enquanto a alcateia da imagem buscava o ângulo que tivesse a melhor contraluz, mais torcedores ao fundo, o placariano procurava a foto única, alimentava-se da exclusividade. Desde março de 1970 é assim".

A preocupação de PLACAR com a fotografia é histórica – celebrada no Brasil, aplaudida no exterior. Não há dia em que jornais e revistas, editores de livros e de campanhas publicitárias não busquem uma imagem no espetacular acervo mantido com zelo. Em negativos em preto e branco, lá no início, ou em coloridas imagens digitais, aqui e agora, no papel e nas redes sociais, pode-se contar a aventura do futebol por meio de nossos registros. Poucos profissionais estão tão intimamente ligados a essa travessia quanto Alexandre Battibugli, o Batti, torcedor da Ponte Preta, em PLACAR desde 1995, e com uma carreira de tirar o fôlego: sete Copas do Mundo, três Olimpíadas, quatro finais de Mundial de Clubes, Libertadores etc. Batti, é claro, esteve em Maldonado, no Uruguai, na decisão da Sul-Americana, e também na final da Liberta entre Fluminense e Boca, no Maracanã. "Orgulho-me de ter visto Maradona ainda com a camisa do Boca e ter feito fotos de Pelé em campo", diz. É dele talvez a mais conhecida fotografia do futebol brasileiro, misto de simplicidade e genialidade, clicada em 1996: o campo de terra no bairro do Brás, em São Paulo, com uma frondosa árvore plantada próximo ao círculo central. Fazia sol e o juiz

Kaio Figueredo: "Sonho mais do que realizado"

Battibugli, em Maldonado, na final da Sul-Americana, e sua foto mais celebrada e respeitada: a árvore no meio do campo de terra no bairro do Brás, em São Paulo



CAPA: JORGE BISPO / CONMEBOL
FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI

deu um jeito de se postar à sombra.

Batti e as dezenas de fotógrafos que passearam por essas páginas, sempre em busca do instante decisivo, do humor e da emoção, foram (e seguem sendo) fonte de inspiração para jovens como Kaio Figueredo da Silva, de 28 anos, corintiano, que como toda criança queria ser jogador de futebol e se transformou em fotógrafo à beira dos gramados. Fiel escudeiro de Batti na PLACAR de hoje, tem o dom de estar no lugar certo, na hora certa, além de faro para encontrar nos arquivos o que ninguém encontra. "Não consegui ser jogador, mas só de trabalhar com o que gosto, dentro do ambiente que projetei no passado, já é um sonho mais do que realizado", diz.

Um convite para esta edição especial: vá folheando as páginas, veja as fotos – deleite-se com o inigualável design gráfico de LE Ratto –, e aí então volte para ler os textos. Apurados e escritos, é claro, com a qualidade do mais competente time de jornalismo esportivo do Brasil. ■

*Os leitores de PLACAR têm um novo modo de comprar a revista, a partir de qualquer estado do Brasil, de todo lugar do mundo: por meio do Mercado Livre, o principal site de e-commerce da América Latina. Na plataforma, que já entrou em funcionamento, é possível encontrar edições impressas atuais e antigas, pôsteres de campeões e também livros sobre diversos clubes, produzidos em parceria com a revista. Procure por Loja_Placar ou acesse o QR Code.*

## ÍNDICE


6 **FOTOS DO MÊS**

10 **CAPA**
A festa tricolor no Maracanã

16
O vitorioso Fernando Diniz agora olha para a seleção

20
Cano, um argentino para sempre

22
John Kennedy para presidente!

24
Marcelo, o veterano que sempre decide

26
As marcas que foram batidas na Libertadores

30 **SUL-AMERICANA**
A digna trajetória do Fortaleza

34 **ENTREVISTA**
A sensatez de Eduardo Sasha, nomão do Bragantino

38 **OPINIÃO**
Qual é o verdadeiro Neymar?

42 **ESPECIAL**
Messi não para de fazer história

46 **SÉRIE C**
A espetacular ascensão do Amazonas F.C.

50 **PERFIL**
A bonita batalha do ex-juiz Rodrigo Braghetto

55 **PRORROGAÇÃO**
Cultura, Memória & Ideias


revistaplacar

@placartv

@placar

placar.com.br

contato@placar.com.br


# PLACAR

A marca PLACAR é licenciada pela Editora Score Ltda.
e produzida pela Editora Abril

**Publisher:** Alan Zelazo

**Equipe Score:**

**CEO:** Gustavo Leme
**Editor:** Luiz Felipe Castro
**Editor de Fotografia:** Alexandre Battibugli
**Editor de Arte:** LE Ratto
**Repórteres:** Enrico Benevenutti, Klaus Richmond e Leandro Miranda
**Diretor Comercial:** Sandro Santos
**Planejamento:** Marcos Ramos
**Mídias sociais:** Bruna Serra Franco, Bruno de Giovanni, Gabriel Rodrigues e Jessica Gomes
**Estagiário:** Fábio Kimura
**Revisão:** Renato Bacci

**Equipe Abril:**

**Redator-chefe:** Fábio Altman
Kaio Figueredo (pesquisa de fotos)

**Colaboraram com esta edição:**
Gabriel Grossi (edição de texto)
e Guilherme Azevedo

**DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

**Redação e Correspondência:**
Av. Magalhães de Castro, 4800 - Torre Continental, 9º andar - Cidade Jardim, São Paulo (SP), CEP 05676120

**PLACAR** 1505 (EAN: 789.3614.11290-9), ano 54, é uma publicação mensal da Editora Score. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuida em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

## ACABOU O SOSSEGO

A derrota para o São Paulo na final da Copa do Brasil decretou a saída de Jorge Sampaoli como técnico do Flamengo, mas o clube levou duas semanas até confirmar o que todos já sabiam: Tite passou a ser o novo comandante rubro-negro. Por alguns breves instantes, a torcida do Corinthians acreditou que ele poderia iniciar sua quarta passagem pelo Parque São Jorge, mas tudo não passou de um sonho de primavera. O ex-treinador da seleção brasileira, que não conseguiu levar o time canarinho além das quartas de final nas Copas de 2018 e 2022, havia prometido à família que ficaria em casa ao longo de todo o ano de 2023. O anúncio de sua contratação foi feito no dia 9 de outubro, mas sua apresentação na Gávea só ocorreu uma semana depois. Deixou claro que o projeto é para 2024: "A busca pela retomada de vitórias importantes, a perspectiva de títulos e o alinhamento de datas para que a gente possa seguir o trabalho e ter possibilidade de êxito, que é o que me move", afirmou, no seu jeito característico de falar muito e dizer pouco.

GILSON LOBO / AGIF

VITOR SILVA/BOTAFOGO

## PISCA-PISCA NA RETA FINAL

Se um é pouco, dois é bom e três é demais, o que dizer das seis interrupções no fornecimento de energia elétrica no confronto entre Botafogo e Athletico-PR, pela 28ª rodada do Brasileirão? Depois de tantas falhas, a partida foi interrompida, aos 5 minutos do segundo tempo, com o placar marcando 1 a 1. No dia seguinte, com portões fechados, foram disputados os 40 minutos restantes, sem novos gols. A decisão da CBF de obrigar o líder do campeonato a jogar sem o apoio de sua torcida causou polêmica, por conta das múltiplas interpretações do regulamento (vale lembrar que o alvinegro venceu os dez jogos disputados no Engenhão no primeiro turno e, atuando em casa, só havia perdido pontos duas vezes, na derrota para o Flamengo e no empate com o Goiás). O fato é que desde que a eletricidade foi restabelecida... acendeu-se uma luz amarela entre a torcida alvinegra. O Fogão perdeu duas seguidas no Nilton Santos (para Cuiabá e Palmeiras, numa virada épica comandada pelo jovem Endrick) e, no dia 5 de novembro, o líder viu evaporar a confortável vantagem que tinha e estava empatado em pontos com o Verdão, ainda que dois jogos a menos. Como certas coisas “só acontecem com o Botafogo”, mais do que nunca é melhor esperar até o apito final nesta reta final do campeonato.

CAPA

**SOB OS OLHARES DE 69 232 TORCEDORES NO MARACANÃ, O FLUMINENSE ESCREVEU A MAIS BELA PÁGINA DE SUA HISTÓRIA. EXPURGOU SEUS FANTASMAS, COROOU DINIZ E ENTROU PARA O SELETO GRUPO DE CAMPEÕES DA LIBERTADORES. DEMOROU, MAS PODE ACREDITAR: O NOVO DIA RAIOU NAS LARANJEIRAS**

Por: Klaus Richmond , do Rio de Janeiro
Fotos: Alexandre Battibugli / Design: LE Ratto

# SUA HORA

# CHEGOU

"Torcer para o Fluminense é uma maneira de você olhar para o seu vizinho e dizer: 'sou melhor que ele'", definiu em crônica o mais apaixonado dos tricolores, Nelson Rodrigues (1912-1980). Nunca as palavras do genial dramaturgo e escritor fizeram tanto sentido quanto na noite de 4 de novembro de 2023, no apagar das luzes do Maracanã. Os tricolores agora podem se gabar não apenas diante dos vizinhos flamenguistas, vascaínos e botafoguenses, mas de qualquer torcedor, seja ele brasileiro, argentino, boliviano, paraguaio, equatoriano, uruguaio, colombiano, venezuelano, peruano ou chileno...

A conquista inédita da Copa Libertadores da América será para sempre um dos capítulos mais importantes da história do clube fundado há 121 anos no bairro das Laranjeiras. O Fluzão de Diniz, Cano, John Kennedy e companhia venceu não só os quase intermináveis 139 minutos de partida desde o primeiro apito do árbitro colombiano Wilmar Roldán. O triunfo por 2 a 1 expurgou para longe antigos fantasmas e fez do Tricolor o 11º clube brasileiro a levantar o troféu. Foi de lavar a alma – e sem contestações: no mesmo palco em que sucumbira para a LDU, do Equador, em 2008, e contra o mais temido dos adversários, o argentino Boca Juniors, que buscava seu sétimo título continental.

Horas antes da partida, a tensão era evidente. Prestes a subir no ônibus que conduziu a delegação até o estádio, Diniz parou por alguns instantes, colocou as mãos na cintura e bufou. Olhava para cima e respirava fundo, como se tentasse reencontrar o próprio equilíbrio. O clima estava pesado entre torcedores brasileiros e argentinos, principalmente depois das cenas de selvageria registradas nas redondezas de Copacabana, dois dias antes da final. O jogo correu o risco de não ser realizado. Integrantes da Conmebol, da CBF, da AFA, dos dois finalistas e das torcidas dos dois clubes precisaram se reunir para domar o caos. Mais uma vez, era impossível não sonhar com a conquista de um título inédito em casa, mas também tarefa difícil deixar de imaginar o peso de uma segunda tentativa frustrada.

Em campo, a tarde-noite apoteótica teve de tudo. O gol de Germán Cano, aos 36 do primeiro tempo, com sua facilidade absurda para bater na bola, passou uma falsa impressão de que a tal "glória eterna" viria sem sustos. Até que a resposta inesperada do Boca, num chute de fora da área de Advíncula, aos 27 da etapa final, fez o Maracanã calar por instantes. Era impossível evitar o sentimento de *déjà vu* em relação a 2008.

Quinze anos depois, a derrota nos pênaltis para a LDU ainda era um fantasma bem presente. "Havia uma ferida aberta e nós tínhamos essa missão de fechá-la até pelos próprios atletas que não venceram", reconheceu Felipe Melo, um dos líderes da atual equipe. Para além do trauma, a possibilidade de que o jogo terminasse nos pênaltis aterrorizava ainda mais o torcedor do Fluminense graças à incrível marca do goleiro Sergio Romero: 12 defesas em 23 pênaltis desde sua chegada ao Boca (52,1% de aproveitamento).

Mas, como diz o hino composto por Lamartine Babo, quem espera sempre alcança. A resposta das arquibancadas foi pedir "a bênção, João de Deus". E ela veio do banco de reservas, com John Kennedy. Bastaram somente 21 minutos, um gol e dois cartões amarelos (que viraram um vermelho) para o talismã de Xerém cravar seu nome na história. Ainda houve tempo para a justa expulsão do argentino Frank Fabra, que acertou um tapa no rosto do capitão tricolor Nino.

Ao soar o apito final, êxtase e alívio. Nas arquibancadas, o ex-atacante Washington, o "Coração Valente", protagonizou uma linda cena ao ir às lágrimas, abraçado pelo filho, finalmente vingado pela derrota de 2008. A inigualável festa foi embalada pela canção "Tá escrito", composta por Gilson Bernini, sucesso do grupo Revelação, repetida à exaustão nos alto-falantes. Ela guiou parte da campanha da equipe. Ídolos como Marcelo, Ganso e Cano choravam enquanto abraçavam familiares emocionados e cantavam: "Basta acreditar que um novo dia vai raiar, sua hora vai chegar". Pode acreditar: a hora do Fluminense chegou, enfim.

## É BRASIL X ARGENTINA...

Perfilados lado a lado, Boca Juniors e Fluminense exalavam tensão. No momento dos hinos nacionais, houve uma enxurrada de vaias para os argentinos. Cercada por enorme rivalidade, a partida esteve sob risco de ocorrer sem a presença público por causa das diversas confusões envolvendo os torcedores nos dias anteriores. No fim, teve até prorrogação. O time xeneize, que não havia vencido uma partida sequer nos mata-matas, teve de adiar o sonho do sétimo troféu – que o igualaria ao Independiente, maior campeão da América. Agora são seis conquistas e seis vices. No placar geral entre clubes de cada país, o Brasil encostou na líder Argentina: 25 a 23 para eles.

KAIO LAKAIO

## OSSO DURO DE ROER

Os xeneizes fizeram valer a fama de catimbeiros. Logo no começo de jogo, o zagueiro argentino Nicolás Valentini acertou uma cabeçada no pescoço de Paulo Henrique Ganso – o juiz nada marcou e o VAR ignorou. Aos 27 do segundo tempo, o peruano Luis Advíncula empatou quando o Boca parecia batido. Não faltaram provocações, além do tapa que rendeu a expulsão de Fabra. Melhor para o Flu, que tem seu estrangeiro goleador: Cano. Autor do primeiro gol da partida, ele sozinho fez 13 na Libertadores, o mesmo número do Boca em todo o torneio.

**PREMONIÇÃO AO PÉ DO OUVIDO**

Ao chamar o atacante John Kennedy do banco de reservas para entrar na partida, aos 35 do segundo tempo, no lugar de Ganso, Diniz agarrou a cabeça do pupilo e foi direto ao ponto: "Você vai fazer o gol do título". E JK fez, aos 9 do primeiro tempo da prorrogação. A cria de Xerém, o antigo garoto-problema, precisou só de 21 minutos para cumprir cada uma das palavras ditas pelo mentor de sua redenção na carreira. Eufórico, atravessou todo o campo como se tudo já houvesse acabado, comemorou nos braços da torcida e levou o segundo cartão amarelo. "Mas por quê?", perguntou incrédulo ao árbitro Wilmar Roldán, que apenas cumpriu a regra. Ainda questionou os companheiros ao passar pelo banco de reservas. No fim, a comemoração foi livre com a taça — e novamente nos braços do povo.

**'VAMOS TRICOLORES...'**
Não faltou apoio dos fãs de todas as idades, que encheram o Maracanã na esperança de fazer o L junto do ídolo Cano. Concentrados em sua maioria na parte de trás de um dos gols, os torcedores reagiram com incentivos a cada momento da partida: "Vamos, tricolores, chegou a hora, vamos ganhar a Libertadores", cantavam. Após o gol do Boca, pediram "a bênção de João de Deus". Ao fim da prorrogação, Diniz pulou a placa de publicidade e se jogou nos braços da galera, numa comemoração mais do que merecida. ■

# GANHAR É PRECISO — E É BOM DEMAIS

## FERNANDO DINIZ HÁ ANOS POLARIZA OPINIÕES POR SUA FORMA QUASE ÚNICA DE ENXERGAR O JOGO E PELO DISCURSO DE QUE O RESULTADO NÃO IMPORTA TANTO NO FUTEBOL. MAS A VITÓRIA NA LIBERTADORES É A PROVA (AINDA BEM) DE QUE DÁ PARA PRATICAR O "DINIZISMO" E LEVANTAR TROFÉU

Por: Leandro Miranda
Fotos: Alexandre Battibugli / Design: LE Ratto

"Tá, mas ganhou o quê?" Por muitos anos, essa era a grande ressalva ao trabalho de Fernando Diniz. A imagem de treinador inovador, que fazia seus times jogarem com coragem, bonito, para a frente, sempre esbarrava nessa questão fundamental do futebol, especialmente o brasileiro, tão acostumado a glorificar os vencedores e execrar os perdedores, com quase nada entre os dois extremos. Agora, aos 49 anos, Diniz tem a melhor resposta possível para o questionamento que encerrava muitas discussões. Ganhou o quê? A Libertadores, a primeira da história do Fluminense.

Não que esse tenha sido seu primeiro título. No começo do ano, ele faturou o Campeonato Carioca, goleando o favorito Flamengo, e, como fez questão de lembrar na ocasião, já tinha outras taças no início da carreira: duas vezes a Copa Paulista e a Série A3, "com muito orgulho". Mas até um cabeça-dura como Diniz reconhece que a Libertadores o coloca em outro patamar. Com uma vantagem: sem mudar um palmo de seu estilo até chegar a esse seleto grupo de campeões.

Nos anos 1990 e 2000, Fernando Diniz atuou como meia-atacante em grandes clubes de São Paulo e do Rio. Era esforçado tecnicamente, mas reconhecido pela inteligência, demonstrando em campo a vocação para professor. À primeira vista, suas ideias sobre o futebol – saída com passes curtos, mesmo sob pressão do adversário; liberdade de movimentação, sem posições fixas; jogadores perto uns dos outros, como numa roda de bobinho; ousadia para tirar de cada atleta a melhor versão de si mesmo – podem parecer românticas (alguns diriam ingênuas ou imaturas), mais apegadas à estética que à prática. O treinador garante que não. "Jogar bem te aproxima mais de ganhar. Sempre acreditei nisso", repete.

Seu mantra, desde o início, é coragem para jogar. A experiência, obviamente, permite pequenos retoques. O Fluminense, seu trabalho mais longevo e bem-sucedido, é um time que, comparado a projetos anteriores, recorre mais vezes a expedientes antes evitados a qualquer custo, como o famoso bicão para a frente ou a marcação mais recuada. Na final da Liberta contra o Boca, quando estava com um jogador a menos, Diniz colocou mais um zagueiro em campo, passou a atuar com apenas duas linhas (uma de cinco e outra de quatro) e viu o time resistir bravamente dentro da própria área à pressão argentina. Mas essas são situações isoladas – a exceção que confirma a regra. A essência do "dinizismo" é a mesma de quando ele começou a treinar, em 2009, no pequeno Votoraty, clube que nem existe mais (leia mais no quadro).

Desde então, o técnico conviveu com muitas derrotas doloridas e críticas ferozes ao seu estilo de jogo. A perda do título brasileiro no comando do São Paulo, em 2020, após uma queda brusca de produção na reta final, pareceu cimentar a fama de perdedor. Uma discussão feia com o volante Tchê Tchê à beira do campo expôs a pior face do treinador-psicólogo, a veia temperamental que, por vezes, acaba transbordando na hora errada. A insistência em jogar sempre no limite do erro parecia impedir que suas equipes dessem o passo final rumo às conquistas, quando a tensão sobe e qualquer deslize pode ser fatal. Em julho, quando a CBF anunciou um contrato de um ano com Diniz como técnico interino da seleção brasileira, todas essas histórias vieram à tona. "Como colocar no comando do time canarinho alguém que nunca ganhou nada relevante?", perguntavam-se muitos.

Os maus resultados na data Fifa de outubro, quando o Brasil apenas empatou com a Venezuela em Cuiabá e perdeu por 2 a 0 para o Uruguai em

Vitória, Fluminense: a euforia do técnico ao conquistar a glória eterna no Maracanã

No topo: Diniz recebe suas honras de Alejandro Domínguez, presidente da Conmebol, e Gianni Infantino, da Fifa

# DESTRINCHANDO O DINIZISMO

COM UMA FORMA BEM PECULIAR DE ENXERGAR O FUTEBOL, FERNANDO DINIZ TEM NO FLUMINENSE SEU TRABALHO MAIS LONGEVO E BEM-SUCEDIDO. O TIME TEM VÁRIAS FORMAS DE SE ORGANIZAR EM CAMPO, SEMPRE COM A MARCA DO TREINADOR: POSSE DE BOLA, CORAGEM PARA SAIR COM TOQUES CURTOS, JOGADORES PRÓXIMOS E LIBERDADE DE MOVIMENTAÇÃO

A formação mais usada é um 4-4-2 básico, com Ganso como volante ao lado de André, e dois atacantes: Cano e John Kennedy. Quando o time se defende, esse é o desenho no campo

Na hora de atacar, uma marca registrada: muitos jogadores acumulados no mesmo lado do campo, fazendo quase uma “roda de bobinho”, e uma opção para inverter o jogo

# "ELE SEMPRE FOI ASSIM"

**Aarão Alves, técnico que passou de rival a amigo, garante que o jogo envolvente, o pavio curto e a idolatria dos jogadores já acompanhavam Diniz nos campos esburacados do interior paulista**

"Tinha jogo que virava uma guerra. Eu e o Diniz discutíamos todo jogo. Ou ele era expulso, ou eu, ou os dois", ri Aarão Alves ao lembrar a rivalidade com o então desconhecido treinador do Votoraty, em 2009. Era o primeiro ano da carreira de Fernando Diniz como técnico, e logo de cara ele conquistou dois títulos: o da Série A3 do Estadual e o da Copa Paulista. A segunda dessas taças foi em uma final quente contra o Paulista de Jundiaí, treinado por Aarão. Os encontros entre os dois naquela época geraram uma rivalidade digna de Mourinho x Guardiola.

"Acabava o jogo, eu entrava no ônibus, era certeza: uma hora depois, tocava o telefone. Era o Diniz: 'Desculpa aquilo lá, fica tranquilo'. Eu pedia desculpa também. Quem olhava de fora achava que era um ódio mortal, mas era uma admiração. Eu já sabia que ele ia estourar", diz Aarão, filho do ídolo santista Manoel Maria e hoje técnico do sub-20 do Jabaquara.

Nem os gramados ruins do interior impediam o time de Diniz de sair tocando a bola desde a pequena área. Era algo de outro mundo para aquele nível de futebol. "O campo do Votoraty era pequeno, ruim, e a equipe dele não dava um chutão. Ele falava para o jogador: 'Pode dar corta-luz, caneta, chapéu'. Parecia que estavam brincando. Ele fazia o cara comum virar um jogador capacitado."

Aarão chegou até a viver um princípio de motim quando parte do elenco do Paulista passou a pressionar para que Diniz, e não ele, fosse o técnico do time no ano seguinte. A diretoria cedeu à pressão e o clube ganhou a Copa Paulista de 2010 com Diniz. Mas Aarão não guarda mágoa. Ao contrário. "É difícil pegar uma pessoa que vai falar mal do Diniz como ser humano. Ele cobra, briga, xinga se tiver que xingar, mas passa na vida das pessoas e tem o dom de deixar esse sentimento positivo."

ARQUIVO PESSOAL

Inimigos íntimos: Diniz e Aarão, em um Votoraty x Paulista em 2009

Montevidéu, reanimaram os corneteiros. E não há dúvidas de que, se o Fluminense tivesse perdido para o Boca, a própria permanência de Diniz à frente da seleção estaria sendo questionada hoje. Por isso, é inegável que a conquista da América é também um grande alívio para a direção da CBF – que jura que terá o italiano Carlo Ancelotti como técnico em 2024, apesar dos desmentidos públicos do comandante do Real Madrid. O fato é que, se precisar partir para um "plano B", nada melhor do que efetivar o campeão da Libertadores. Para além do indefensável dilema ético de estar ao mesmo tempo num time e na seleção, é fato que os cartolas têm todo o direito de comemorar a escolha, pois o dinizismo está infinitamente mais em alta hoje do que no meio do ano.

Entre outras coisas, porque o "professor" sempre teve como um de seus principais pontos fortes a relação com os atletas. Apesar das já citadas explosões, ele garante que seu maior prazer no futebol é viver o dia a dia com o elenco, recuperar o brilho de quem está sem confiança, ver cada um voltar a ser aquele menino que era o melhor da sua rua, o primeiro a ser escolhido na pelada. E é reconhecido por encorajar a inventividade e minimizar o peso do erro. "Jogador gosta de quê? De jogar. Por isso, pela liberdade de jogar, todos gostam tanto dele", diz um profissional que acompanhou de perto a metodologia do treinador.

Sim, existe método, apesar de o time por vezes parecer caótico em campo. Tudo tem uma razão de ser. Se os zagueiros e o goleiro trocam passes, é para atrair a pressão do rival e, assim, abrir espaço mais à frente para acelerar rumo ao gol. Se ficam seis ou sete jogadores no canto do campo tocando a bola, é para obrigar o adversário a balançar todo para o mesmo lado, ficando assim vulnerável a uma inversão rápida de jogo. Não é uma ideia perfeita: quando o time perde a bola, por exemplo, muitas vezes fica exposto a contragolpes porque os jogadores não estão em suas posições. Mas não existe perfeição no futebol, apenas escolhas. Toda estratégia tem seus pontos fracos.

Em 2023, por algum motivo que talvez só os deuses do esporte saibam responder, os pontos fortes apareceram muito mais. Mesmo em partidas em que o Fluminense não esteve tão bem, como nos dois confrontos da semifinal contra o Inter, a eficiência foi o diferencial: os colorados chegaram mais, mas o Tricolor foi letal quando teve a chance. Um roteiro muitas vezes vivido pelo próprio Diniz – mas, desta vez, ele não estava do lado derrotado.

Antes da decisão contra o Boca, o técnico chegou a dizer que o título inédito, para ele e para o centenário clube que comanda, "não modificaria sua vida". Estratégia para tirar a pressão dos ombros dos comandados? Talvez. Quem conhece a filosofia do treinador até acredita que ele estava mesmo falando sério. Mas o fato é que o Fluminense é campeão da Libertadores, e a vida de Diniz já mudou. Uma taça desse tamanho dá aos vencedores um reconhecimento incomparável. O futebol é também – ou, para alguns, antes de tudo – uma competição, uma busca pelo melhor resultado. Há inúmeros caminhos para chegar à glória. O mérito de Diniz foi mostrar que o escolhido por ele também é capaz, como tantos outros, de alcançar o destino almejado. ■

MARCELO GONÇALVES / FLUMINENSE FC

MARCELO GONÇALVES / FLUMINENSE FC

L atrás de L: Cano decidiu grandes jogos da competição, como a goleada sobre o compatriota River Plate e a semifinal diante do Inter. Na comemoração, a tradicional homenagem aos filhos Lorenzo e Leonella

ELE RODOU O CONTINENTE, SEMPRE FAZENDO GOLS DE PURO OPORTUNISMO, E, JÁ NA RETA FINAL DA CARREIRA, CHEGOU ENFIM AO OLIMPO: CANO É O GRANDE NOME DO FLUMINENSE NA CONQUISTA DA LIBERTADORES

# A RECOMPENSA DO ANDARILHO

# CANO

Quantas vezes você se acostumou a ouvir que Cano decide com um toque na bola? É tudo verdade, seja num amistoso, seja na final da Libertadores. Bastou um chute de primeira, numa movimentação primorosa para se desmarcar de Advíncula, para fuzilar a meta de Romero e abrir caminho para o inédito título do Fluminense, na inesquecível noite de 4 de novembro.

No estrelado elenco campeão da América, repleto de atletas com experiência em seleções nacionais, ninguém brilhou mais que o minimalista Germán Ezequiel Cano, que ironicamente jamais defendeu as cores de seu país, a Argentina. O camisa 14 é um raríssimo exemplar do clássico atacante "matador", aquele que fica sempre à espreita e não perdoa quando a bola sobra na área. Artilheiro da Liberta com 13 gols, ele foi fundamental na campanha e coroou, aos 35 anos, uma carreira marcada por muitas andanças – a camisa tricolor é a décima que ele vestiu profissionalmente.

Cano não se cansa de fazer o L, ou melhor, o duplo L, gesto com a mão com que comemora seus gols em referência aos filhos Lorenzo e Leonella. Formado no Lanús, seu time do coração, o artilheiro se consagrou mesmo nas aventuras pelo continente americano (primeiro na Colômbia, onde é ídolo do Independiente Medellín, depois no México e finalmente no Brasil).

"Germán Cano, o veterano 'trotamundos' (andarilho) argentino que se reinventou na Colômbia, é ídolo no Brasil e compete palmo a palmo com Haaland e Mbappé", destacou na ocasião o diário *La Nación*. De fato, o experiente atacante ainda compete com estrelas do futebol internacional pelo posto de artilheiro do mundo em 2023. Até o fechamento da edição, eram 37 tentos.

O goleador chegou ao Fluminense sem grande pompa, no início de 2022, ao fim de seu contrato com o rival Vasco, pelo qual havia feito 41 gols, mas ficara marcado por pênaltis perdidos e desilusões na Série B. Nas Laranjeiras, se encontrou de vez. Em junho, ele "se apresentou" aos compatriotas ao marcar três vezes na impiedosa goleada do Flu sobre o River Plate por 5 a 1 no Maracanã, na primeira fase. Cano foi letal nos mata-matas da competição – marcou sete dos dez gols do time na reta final do torneio. Já há quem o aponte, Fred que nos perdoe, como o maior jogador dos 121 anos de história do Fluminense. Argumentos não faltam.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

A festa após o título, no Maracanã: no jogo decisivo, mais uma vez o camisa 14 abriu o placar para o Fluminense num chute preciso – com apenas um toque, como a torcida se acostumou a ver

**JK, PRESIDENTE, URSO... CHAME COMO QUISER, MAS NÃO DEIXE DE REVERENCIAR A MAIS NOVA JOIA DA BASE DO FLU, QUE SUPEROU PROBLEMAS DISCIPLINARES E FEZ O GOL NO TÍTULO INÉDITO**

# O TALISMÃ DE XERÉM

Eram 35 minutos do segundo tempo quando as câmeras flagraram o técnico Fernando Diniz dizendo para John Kennedy, que estava prestes a substituir Paulo Henrique Ganso: "Você vai fazer o gol do título". E que gol. Ajeitada de cabeça de Keno e um tirambaço de primeira, "de três dedos", fugindo do alcance do goleiro Romero. Mas, como quase tudo o que envolve o jovem atacante de 21 anos nos últimos tempos, ele e a torcida foram do céu ao inferno no momento seguinte.

Porque havia levado um cartão amarelo pouco antes do fim do tempo regulamentar, acabou expulso por tomar a segunda advertência ao subir a escada do Maracanã para comemorar com a torcida, aos 9 minutos do primeiro tempo da prorrogação. No banco, chorou por alguns minutos, até voltar a olhar para o gramado e incentivar os companheiros que seguraram o resultado. A profecia tinha se concretizado. John Kennedy, JK, Presidente, Urso... Foi dele o gol do maior título da história do Fluminense.

Em uma de suas primeiras entrevistas no clube, em 2020, o garoto de 18 anos afirmou: "Tenho uma coisa fixa na minha cabeça: fazer gols o máximo que eu puder. Quero ser uma máquina de gols". Sua credencial, até então, era uma temporada de base animadora, com média de quase uma bola na rede por partida no Brasileirão sub-20.

Mas nem só de páginas felizes foi escrita a história do talismã tricolor. Problemas de disciplina e excessos fora de campo quase fizeram com que fosse descartado. Para amadurecer, chegou a ser emprestado à Ferroviária. Como brilhou no Paulistão, voltou a ganhar espaço nas Laranjeiras.

Fernando Diniz, o profeta, não largou a mão do atacante. "Esse menino é um grande vencedor, está se tornando um homem cada vez mais íntegro. Cada vez mais bonito. O futebol perde a rodo talentos como esse no Brasil. Espero de todo o meu coração que ele consiga ter cada vez mais os pés no chão. Pés do tamanho do talento dele. Merece todos os elogios, todos os aplausos. Não é fácil ter a vida que ele teve e se tornar o que está se tornando. Esse menino vale ouro. Além de extremamente talentoso, está se tornando um homem de bem."

Fundamental na conquista do título inédito, John Kennedy já inscreveu seu nome na história do Fluminense e, se mantiver o foco, tende a repetir o caminho de outras famosas crias de Xerém, com um futuro de sucesso na Europa e na seleção brasileira. Seja como for, a Tropa do Urso já venceu.

MARCELO GONÇALVES

Menino de ouro: bancado desde o início por Fernando Diniz, JK obteve reviravolta na carreira com lances de craque, como o toque sutil que garantiu a virada sobre o Internacional

# JOHN KENNEDY

MARCELO GONÇALVES

ALEXANDRE BATTIBUGLI

A MAIS FAMOSA DAS CRIAS DE XERÉM FEZ VALER A EUFORIA DEMONSTRADA EM SEU RETORNO E, TAL COMO SE ACOSTUMOU A FAZER PELO REAL MADRID, BRILHOU EM MAIS UMA HISTÓRICA CONQUISTA

ALEXANDRE BATTIBUGLI

# MISTER CONTINENTE

MARCELO

"Foram 17 anos longe, mas hoje tenho a alegria de voltar para casa. Vai dar certo", cravou Marcelo, em março deste ano, ao erguer sua famosa camisa 12 para a torcida tricolor em uma emotiva noite no Maracanã. Deu certo – e como deu. Aos 35 anos, o ídolo do Real Madrid, clube do qual é o maior vencedor de todos os tempos, com nada menos que 25 taças (cinco só da Champions League), decidiu retornar à equipe onde se formou depois de uma temporada insossa na Grécia. Chegou gordinho, calado, mas quando pegou no tranco...

Se existe lateral-craque, Marcelo certamente é um deles. A elegância para dominar e conduzir a bola, herança dos primórdios no futsal no bairro de Botafogo, segue intacta. O veterano já havia sido destaque no celebrado título carioca, com direito a um belo gol na final contra o Flamengo, sempre no amado Maraca. Na Libertadores, não brilhou nas estatísticas (terminou zerado em gols e assistências), mas foi sem dúvida um dos pilares da equipe, tanto por sua liderança quanto pela tranquilidade para sair jogando, aspecto fundamental no modelo de jogo de Diniz.

O troféu da Libertadores também representa uma redenção para o lateral com alma de camisa 10. Em agosto, Marcelo protagonizou o lance mais assustador da competição, ao acidentalmente pisar e quebrar a perna de Luciano Sánchez, lateral do Argentinos Juniors, em duelo pelas oitavas de final. O próprio brasileiro caiu no choro ao ver o estrago causado. Expulso e suspenso, se desculpou. "Vivi um momento muito duro dentro de campo. Sem querer, lesionei um companheiro de profissão", disse, abatido. Dias antes, naquela mesma passagem por Buenos Aires, encontrou-se com outra lenda, Juan Román Riquelme, que se rasgou em elogios à genialidade do companheiro de profissão. Curiosamente, a conquista da América veio justamente em cima do Boca Juniors, time do qual Riquelme foi grande ídolo (e é atual dirigente).

Com o título, Marcelo realizou seu maior sonho de infância e colocou a cereja no bolo de uma carreira impecável. De quebra, entrou para o seleto grupo de 15 jogadores que venceram Libertadores e Champions League (*saiba mais no Almanaque, na página 26*). Não falta mais nada. Ou quem sabe ainda cabe um penta do Mundial de Clubes? ■

LUCIANO GONZÁLEZ/EFE

@MARCELOTWELVE/INSTAGRAM

**Redenção: Libertadores de Marcelo foi marcada por lesão chocante em pisão acidental, mas terminou com a glória diante do Boca Juniors, de seu amigo Riquelme**

CAPA

# UMA LIBERTA PARA RECORDAR

**ALÉM DO INÉDITO TÍTULO DO FLUMINENSE, DIVERSAS OUTRAS MARCAS FORAM BATIDAS NA 64ª EDIÇÃO DO TORNEIO**

MARCELO GONÇALVES / FLUMINENSE FC

## PAREDÃO CENTENÁRIO

**Fábio**, campeão com o Fluminense neste ano e vice com o Cruzeiro em 2009, chegou a ***100 PARTIDAS*** pela competição

**BRASILEIROS COM MAIS JOGOS DISPUTADOS**

| | Jogador | Jogos |
|---|---|---|
| 1 | Fábio | 100 jogos (11 participações) |
| 2 | Rogério Ceni | 90 jogos (9 participações) |
| 3 | Weverton | 84 jogos (8 participações) |
| 4 | Danilo | 82 jogos (10 participações) |
| | Marcos Rocha | 82 jogos (11 participações) |

**BRASILEIROS COM MAIS VITÓRIAS NA COMPETIÇÃO**

| | Jogador | Vitórias |
|---|---|---|
| 1 | Fabio | 57 |
| 2 | Weverton | 53 |
| 3 | Rogério Ceni | 51 |
| 4 | Marcos Rocha | 50 |
| 5 | Danilo | 48 |

MARCELO GONÇALVES / FLUMINENSE FC

## É O PITBULL!

Duas vezes campeão pelo Palmeiras, **Felipe Melo** chegou a seu terceiro título da Libertadores, igualando recorde entre brasileiros. Os outros tricampeões são: Palhinha, Vítor, Ronaldo Luiz, Fabiano Eller, Willian Bigode e Marcos Rocha

CESAR GRECO / SEP

## PALMEIRAS, O PAPA-RECORDES

Apesar de ter falhado na missão do tetra, que o tornaria o maior campeão entre os brasileiros, o **Verdão** de Abel Ferreira colecionou feitos

★

**Clube brasileiro com mais participações seguidas (8), de 2016 a 2023, superando as sete do São Paulo, entre 2004 e 2010**

★

**Clube brasileiro que mais vezes chegou à semifinal (11)**

★

**Seis quartas de final seguidas: 2018 a 2023 (igualando o Boca Juniors de 2000 a 2005)**

★

**Cinco vezes a melhor campanha da fase de grupos: 2018, 2019, 2020, 2022 e 2023**

# PREDESTINADO

Campeão em 2019 e 2022, **Gabigol** alcançou a liderança entre brasileiros artilheiros. O recorde geral é de Alberto Spencer, lenda do Peñarol nos anos 1960, com 54 bolas na rede

## MAIORES ARTILHEIROS BRASILEIROS DA HISTÓRIA DA LIBERTADORES

ALEXANDRE BATTIBUGLI

**11**

**Marcos Rocha** (2013-2023)
**Néstor Camacho-PAR** (2012-2022)
**Sergio Otálvaro-COL** (2013-2023)

**10**

**Daniel Vaca-BOL** (2012-2021)
**Gustavo Sotelo-PAR** (1990-1999)
**Omar Caetano-URU** (1965-1974)

ALEXANDRE BATTIBUGLI

# BATENDO CARTÃO

**Jogadores com mais participações seguidas na história da Libertadores**

BEST PHOTO AGENCY

RICARDO CORRÊA

# EMBATE RECORRENTE

**Boca Juniors e Palmeiras** consolidaram o duelo mais recorrente em semifinais. Os times já se enfrentaram três vezes nessa fase (2001, 2018 e 2023), além da final de 2000 — sempre com triunfos xeneizes

# FREGUESIA

**O Atlético-MG foi o primeiro time eliminado três vezes seguidas pelo mesmo rival em mata-matas: o Palmeiras, em 2021, 2022 e 2023**

PEDRO DE SOUZA / CAM

# VENCE Y VENCE

**Marcelo se uniu ao grupo de jogadores que já conquistaram a Champions League e a Libertadores**

**SORÍN-ARG** (Juventus e River Plate), **SOLARI-ARG** (Real Madrid e River Plate), **DIDA** (Milan e Cruzeiro), **ROQUE JUNIOR** (Milan e Palmeiras), **CAFU** (Milan e São Paulo), **TEVEZ-ARG** (Manchester United e Boca Juniors), **SAMUEL-ARG** (Internazionale e Boca Juniors), **RONALDINHO GAÚCHO** (Barcelona e Atlético Mineiro), **NEYMAR** (Barcelona e Santos), **DANILO** (Real Madrid e Santos), **RAFINHA** (Bayern de Munique e Flamengo), **RAMIRES** (Chelsea e Palmeiras), **DAVID LUIZ** (Chelsea e Flamengo), **JULIÁN ÁLVAREZ-ARG** (Manchester City e River Plate), **MARCELO** (Real Madrid e Fluminense)

**SIM, É CEDO PARA PEGAR A CALCULADORA. MAS O SECADOR JÁ PODE ENTRAR EM CAMPO.**

**COM A PARTIDA DESASTROSA EM MONTEVIDEO, PELA QUARTA RODADA DAS ELIMINATÓRIAS, BRASIL IGUALA SEU PIOR INÍCIO DE CAMPANHA NA COMPETIÇÃO. E AÍ, ESTARIA NOSSA VAGUINHA PARA 2026 REALMENTE AMEAÇADA?**

Único país a disputar todas as edições do Mundial da Fifa e maior vencedor do torneio, o Brasil acostumou a torcida a enxergar as Eliminatórias muito mais como um campeonato preparatório do que classificatório ao longo dos anos. Embora tenhamos muitos motivos para concordar com isso, é bom lembrar que historicamente quando acontece dos resultados não virem como esperado, a queda é bem mais dolorida, e a pressão, infinitamente maior nas costas do treinador. Que o diga Parreira em 93, Felipão em 2001 e Dunga, na preparação para 2018, quando a Amarelinha perdeu para o Chile na estreia, chegando à 4ª rodada com sete pontos, sete gols marcados e quatro sofridos, cenário bem próximo da realidade atual. Mas e aí, será que essa situação já pode abalar o "Dinizismo"? O fato é que, diferente de Venezuela, Colômbia e Equador, por exemplo, o time do Brasil ainda não evoluiu taticamente, mesmo após 4 rodadas. Falta padrão de jogo, entrosamento e agora – com a lesão de Neymar, até a criatividade tende a ser afetada. Com esse cenário turbulento, resta à galera convocar a zoeira brasileira e ligar o secador nos próximos jogos. Neste informe, a Bet dos brasileiros indica os maiores alvos para você apontar o seu e profetizar.

## O QUE FALTA PARA O DINIZISMO VINGAR?

Ainda com aqueles malditos 4 minutos finais do jogo contra a Croácia ecoando na mente e o gosto amargo de ter visto o tri mundial dos nossos Hermanos, a torcida brasileira começa a encarar as Eliminatórias em um cenário no qual a paz parece ser algo bem distante. Embora haja uma silenciosa certeza geral de que a classificação vem, convenhamos que isso é o mínimo que devemos esperar do time verde e amarelo, pelos craques que temos no elenco (Alô, Vini Jr.!). Afinal, são seis vagas diretas e mais uma na repescagem, e a situação da tabela por hora nem é tão desesperadora assim. O problema maior é o que estamos vendo dentro de campo. O Dinizismo na seleção, para "vingar", está exigindo mais paciência do que o esperado e do que a galera nas arquibancadas está realmente disposta a ceder. O entrosamento do time depende de muito treinamento, e a cada nova rodada, o tempo vai ficando mais curto para os jogadores assimilarem o esquema e as ideias de jogo de Fernando Diniz. Então, surge o medo de ver a seleção novamente caindo naquele velho ciclo de dependência dos talentos individuais que já vimos antes. Longe de querer que o treinador não seja fiel às suas convicções, mas talvez apostar na simplicidade, principalmente na saída de bola, bem como numa melhor compactação das linhas defensivas sejam alternativas melhores

para pôr em prática nessas próximas duas decisivas rodadas contra a Colômbia, que está colada com o Brasil na tabela, e a líder e toda poderosa Argentina de Messi, no maior clássico das Américas. Com certeza, os jogadores concordam com isso, principalmente agora com a ausência de Neymar, uma das principais referências técnicas do time. Futebol temos o suficiente para não repetir as últimas atuações e evitar sofrimento nas Eliminatórias. Resta saber quando o veremos e nos convenceremos dele.

## ATENÇÃO PARA A MISSÃO

Enquanto a Canarinho não ajuda em campo, o jeito é recorrer à boa e velha zoeira brasileira para ajudar esse time a evoluir durante essas próximas 14 rodadas. Mais do que nunca, a nossa capivara da sorte vai ter que dar as caras e nos proteger nessa difícil missão de incentivar um time que teima em não "dar liga". Então, parece que o jeito é ligar agora o seu secador e apontar para os times de Messi, Cavani, Soteldo e cia o quanto antes. No dia 16 de novembro, a gente encara a Colômbia em Barranquilla. Comandada pelo argentino Néstor Lorenzo, Los Cafeteros contam com algumas caras conhecidas do futebol brasileiro. John Arias, atacante do Fluminense, certamente vai ter uma atenção especial de Diniz, que conhece bem de perto sua capacidade. Além dele, o craque James Rodríguez, ex-Real Madrid e Bayern de Munique, atualmente no São Paulo, e Richard Ríos, volante do Palmeiras, são duas figurinhas carimbadas por aqui. O time colombiano ainda conta com o habilidoso meia Cuadrado, da Inter, e Luis Díaz, atacante do Liverpool. Já para o jogo da sexta rodada, no dia 21 de novembro, em pleno Maracanã, haja tomada para tanto secador. Vamos enfrentar os atuais campeões do mundo e o seu capitão Lionel Messi, num clássico eletrizante. Mas não é só para o melhor jogador do mundo que devemos apontar nossos secadores durante o clássico, hein? Única seleção com 100% de aproveitamento nas Eliminatórias, a Argentina aposta na sua coletividade e, embora tenha no seu camisa 10 uma arma poderosíssima, conta também com Lautaro Martínez, De Paul, Julián Alvarez e ele, o goleiro Emiliano Martínez, talvez o maior representante da "zoeira argentina" nesta era "pós-Maradona", um grande alvo potencial para nossos secadores, principalmente se for marcado algum pênalti a favor do Brasil.

## QUEM SECA TAMBÉM PROFETIZA.

E se a gente assume que vai entrar na onda de secar nossos rivais, vale demais também profetizar nos resultados dos seus jogos. A Argentina e o Uruguai tendem a manter uma constância de pontuação maior, neste primeiro turno pelo menos, enquanto o Brasil ainda patina, embora continue favorito em 90% das partidas. Colômbia, Equador e Paraguai devem lutar até o final por uma vaga. Já o Chile é a grande decepção de todas as seleções que disputam a competição até aqui, mas nada impede que os bicampeões da América evoluam e briguem pela repescagem. Assim como a Venezuela ainda deve surpreender muita gente e arrancar pontos importantes nessa difícil luta por sua vaga inédita na Copa. Nesse sentido, é sempre interessante conferir os mercados de empate para jogos entre essas seleções.

COPA SUL-AMERICANA

# A BELEZA POR

**Foi por pouco, muito pouco, e o pênalti desperdiçado por Pedro Augusto, na decisão da Sula, deixou o gosto ainda mais amargo para os torcedores do Fortaleza. No entanto, prevaleceu o sentimento de orgulho nos milhares de cearenses que cruzaram o continente para apoiar o "Laion" no Uruguai**

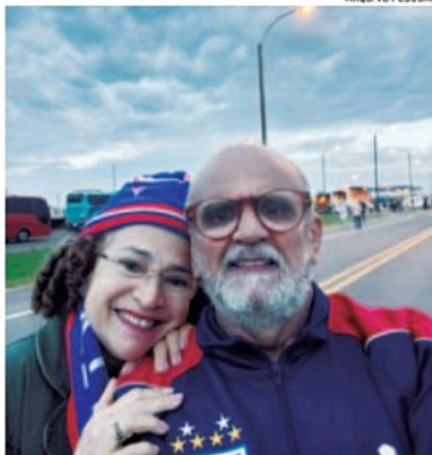
**Por: Isabela Labate** e **Leandro Quesada,** de Maldonado (Uruguai)
**Fotos: Alexandre Battibugli / Design: LE Ratto**

Quase 10 000 quilômetros de estrada, noites maldormidas, poucos banhos, alimentação escassa e, por fim, um título perdido da forma mais cruel possível. Pode não parecer, mas esta é uma história bonita, de amor incondicional. "Faria tudo de novo para viver esse sonho, foram dias para guardar na memória", resume Aliatar Diógenes, de 62 anos, que encarou a viagem de ônibus da capital cearense até Maldonado, no Uruguai, ao lado da esposa Sandra Diógenes, 64, com quem divide um teto e a paixão pelo Fortaleza há quase quatro décadas. A amarga derrota para a equatoriana LDU de Quito, nos pênaltis, após empate em 1 a 1 no tempo normal no acanhado Estádio Domingo Burgueño Miguel, tirou do Leão do Pici o inédito título da Copa Sul-Americana, mas não o orgulho de seus eufóricos torcedores.

Aquela que seria a primeira conquista internacional de um clube cearense coroaria de vez um projeto indiscutivelmente bem-sucedido, que levou o Laion – apelido popular entre os mais jovens, uma brincadeira com a pronúncia de "lion" (leão, em inglês) – da Série C à elite nacional e internacional em apenas seis anos. "O objetivo maior não foi alcançado, mas só de estar numa decisão histórica já valeu a pena, não vamos embora abatidos", afirmou Aliatar, que ganhou dos companheiros de aventura o apelido de Jô Soares por sua semelhança com o grande humorista, morto em 2022. A viagem não foi moleza para quem esteve entre as 30 caravanas de ônibus que deixaram Fortaleza rumo ao

# TRÁS DA DOR

ARQUIVO PESSOAL

ARQUIVO PESSOAL

Maioria nas arquibancadas, torcida do Leão do Pici ficou com o grito de campeão entalado na disputa de pênaltis. Ao lado, Juca Neto (à dir.) e seus amigos no início do trajeto, em Canindé (CE), e o casal Aliatar – o "Jô Soares" tricolor – e Sandra na estrada. Eles garantem: fariam tudo de novo

Uruguai. Aliatar e Sandra, por exemplo, deixaram a capital cearense às 10 da noite de 23 de outubro e chegaram ao destino somente às 10 da manhã do dia 28, a poucas horas da final. “Apesar da idade, minha mente é superjovem, foi tranquilo. É como se eu tivesse tirado férias de dez dias, para fazer o que gosto e participar de um momento especial. De coração, não me senti cansada em nenhum momento”, disse Sandra.

O casal de funcionários públicos aposentados estava entre os 80 premiados pelo programa de sócio-torcedor do Fortaleza que tiveram suas viagens de ônibus custeadas pelo clube. Nem todos tiveram esse privilégio ou puderam bancar o pacote com passagem aérea e hospedagem, na casa de 15 000 reais. O gerente administrativo Juca Neto, de 39 anos, foi um dos que precisaram arranjar uma alternativa. Ele “escalou” mais três companheiros para compartilhar uma viagem de carro de quase 10 000 quilômetros (entre ida e volta), saindo de Canindé, no interior do Ceará, rumo a Punta del Este. Para cumprir o trajeto, que ainda incluiu uma paradinha para agradecer aos céus em Aparecida do Norte (SP), o quarteto calcula ter investido cerca de 6 000 reais. Juca foi o responsável por dirigir o caminho inteiro. “Pelo Fortaleza, não tem cansaço, não tem lugar, não tem distância. Ano que vem farei tudo de novo, é o Laion e não tem jeito!”, garantiu, repetindo o novo lema da torcida.

A mudança repentina da sede da final, antes marcada para o mítico Estádio Centenário de Montevidéu, para o acanhado campo com capacidade para 22 000 torcedores se mostrou inadequada sob todos os aspectos. “Para nós foi ótimo, mas ninguém entendeu por que esse jogo passou para cá”, contou um garçom uruguaio. Famosa por seus cassinos, praias e gastronomia, Punta del Este (cidade vizinha a Maldonado, onde fica o Estádio Domingo Burgueño Miguel) se mostrou uma terra pouquíssimo *futbolera*. Apesar da insistência, foi impossível encontrar uma camisa do Deportivo Maldonado, a equipe local, e até mesmo as da seleção celeste estavam em falta. A organização montada pela Conmebol ficou muito aquém do padrão de seus grandes eventos, como a

Fãs de todas as idades foram a Maldonado cheios de esperança. Defesas de João Ricardo não foram suficientes, pois no fim quem fez a festa foram os veteranos da LDU, o goleiro Domínguez e o atacante Guerrero; ídolo Yago Pikachu admitiu "tristeza e frustração"

Libertadores e a Copa América. O descaso era tanto que, na véspera da decisão, uma letra O da palavra "Domingo" no letreiro do estádio estava caída, como num campo de várzea.

Repetindo um vexame de edições anteriores, sobraram muitos ingressos – e a opção foi distribuí-los para jovens da cidade por meio de gincanas. Os bilhetes originalmente custavam entre 10 e 70 dólares (entre 50 e 350 reais pela cotação atual). A locomoção também foi problemática, visto que aplicativos como Uber não funcionaram bem. A maior reunião de torcedores ocorreu no ponto turístico mais conhecido, o Monumento ao Afogado, mais conhecido como "La Mano", a escultura de dedos enterrados na areia, criada pelo artista plástico chileno Mario Irarrázabal em 1982, na Praia Brava. Foi ali, na véspera do jogo, que fãs de Fortaleza e LDU protagonizaram uma bonita e pacífica batalha de gritos de guerra.

Como previsto, o duelo de 28 de outubro diante do tradicional clube equatoriano foi duro e equilibrado para o Leão do Pici – e seguiu um roteiro impiedoso para a torcida cearense, maioria no estádio. O público total da partida foi de 17 420 torcedores, sendo cerca de 9 000 tricolores, 4 000 equatorianos e o restante de convidados e curiosos. Depois de uma primeira etapa truncada, a equipe brasileira saiu na frente com o argentino Juan Lucero, mas a empolgação durou pouco, pois o canhotinho Lisandro Alzugaray arrancou pela direita e empatou com um belo chute que até furou a rede, em mais uma cena incompatível com a importância da ocasião.

A igualdade persistiu até o fim do tempo normal e da prorrogação, levando a decisão para os pênaltis. O desfecho foi doloroso, e houve até quem culpasse os torcedores mais afoitos, que, num triste sinal dos tempos, preferiram filmar com seus celulares a quinta cobrança (que poderia ser decisiva, mas foi perdida por Pedro Augusto) a vivenciar o momento épico. No fim, brilhou a estrela do veterano arqueiro Alexander Domínguez, que também parou os tiros de Romero e Brítez na marca da cal. Festa da LDU, que chegou a seu quinto título continental, o quarto contra times brasileiros. E também do peruano Paolo Guerrero, de 38 anos, que garantiu mais um caneco no currículo e no próximo ano tentará o bi da Recopa Sul-Americana – em 2013, foi campeão pelo Corinthians.

Do lado brasileiro, a consternação era inevitável. "Sinto tristeza e frustração, porque chegamos muito perto da conquista. Era nosso sonho e do torcedor, mas precisamos encontrar forças", lamentou o ídolo Yago Pikachu na minúscula zona mista do estádio. Antes de encarar a viagem de volta, os torcedores saudaram com muitos aplausos o time que tantas alegrias lhes deu na Arena Castelão e em campos América afora. O presidente Marcelo Paz, no cargo desde 2017 e apontado como o responsável direto pela ascensão do clube, compartilhou do mesmo sentimento de orgulho. "Quem sempre chega uma hora vai ganhar. Esse é um grupo vencedor, que tem títulos e história pelo clube, e carrega a missão de seguir buscando coisas novas, e quem sabe mais à frente aconteça algo muito bom para a gente também nas competições sul-americanas", afirmou o dirigente de 40 anos. "Nosso projeto não dependia da conquista e seguirá firme." Para os milhares de fanáticos que acompanharam a travessia, ficam a lição de espírito esportivo e a demonstração de amor independentemente dos resultados. Eles fariam – e farão – tudo de novo. ■

# COADJ

Na dele: apesar da pinta de galã, atacante só quer chamar atenção por seu futebol

# UVANTE, EU?

**DISCRETO E DISCIPLINADO, EDUARDO SASHA MOLDOU UMA CARREIRA CONSISTENTE POR GRANDES CLUBES DO PAÍS E, AOS 31 ANOS, ASSUMIU UMA NOVA FACETA: A DE LÍDER DA JOVEM EQUIPE DO RED BULL BRAGANTINO, QUE CHEGA À RETA FINAL DO BRASILEIRÃO SONHANDO COM A TAÇA**

**Por: Enrico Benevenutti e Luiz Felipe Castro, de Bragança Paulista (SP)**
**Foto: Alexandre Battibugli**
**Design: LE Ratto**

O cabelo cuidadosamente platinado contrasta com o perfil discreto e a fala mansa. Eduardo Colcenti Antunes, o popular Sasha – apelido que carrega desde a infância, quando acompanhava o irmão mais velho, Xuxa, nas peladas no bairro Rubem Berta, em Porto Alegre – foge do estereótipo do atacante marrento. Como fez em toda sua carreira, nas boas passagens por Inter, Goiás, Santos e Atlético-MG, prefere chamar atenção pelos gols e pela entrega em campo. Mas, aos 31 anos, vive uma nova fase, se tornou mais protagonista. Sasha é o artilheiro e referência do Red Bull Bragantino, que chega à reta final do Campeonato Brasileiro sonhando com o inédito título. Do centro de treinamentos da equipe em Bragança Paulista, Sasha abriu o jogo a PLACAR.

**Você jogou em clubes de massa e se acostumou a estádios grandes e cheios, algo que o Red Bull Bragantino não tem. O que este clube possui que o seduziu?** Temos uma projeção muito boa, um projeto para entrar de vez no futebol brasileiro, e isso vem sendo demonstrado a cada ano. É um novo desafio, vim motivado e fui muito bem recebido. É a primeira vez que sou um dos mais velhos, e ajudar os meninos tem sido uma experiência nova. Por mais que o clube tenha um método diferente, de comprar e vender jogadores jovens, é preciso ter atletas experientes para competir no Brasileirão, essa mescla é importante.

**Como é a vida em Bragança, depois de passar por Porto Alegre, Goiânia, Santos e Belo Horizonte?** Sempre fui um cara na minha, gosto de aproveitar a família. Então caiu como uma luva vir para uma cidade mais tranquila. Minha esposa e meus filhos estão aproveitando bem, desfrutando da cidade. A abordagem dos torcedores acontece, mas de forma menos intensa. O pessoal é bem atencioso, carinhoso, torce realmente pelo atleta e pelo clube.

**Muito se fala hoje sobre como a saúde mental dos atletas é abalada por pressão de torcida, por vezes com violência e ameaças**

**nas redes sociais e nas ruas. Isso também foi levado em conta?** Sim. Infelizmente, as cobranças com agressão foram normalizadas, já passei por esse nível de excessos. Então vir para cá trouxe mais tranquilidade. Não que aqui não exista cobrança, mas com certeza não é do mesmo nível.

**Este é o melhor momento da sua carreira?** Individualmente posso dizer que sim. Acho que os números confirmam isso [dez gols e duas assistências em 24 jogos no Brasileirão]. Eu me sinto bem e confiante.

**Além da qualidade e do faro de gol, você é respeitado no mercado por ser aplicado e obediente taticamente. De onde vem essa característica?** É algo pessoal, sempre fui assim, de querer ajudar e entender o que o treinador pede. Já me falaram que eu cumpro até demais. Tive várias lesões de tornozelo que me fizeram mudar minhas características. Eu era praticamente um extremo, com mais mobilidade, e fazia bem a função de acompanhar o lateral adversário. Eu sempre tive, desde a base, essa facilidade de entender a função que precisa ser feita.

**No Santos, houve uma passagem marcante com o técnico Jorge Sampaoli, que disse que não levaria você em conta, mas acabou mudando de ideia...** Sim, foi difícil ter ouvido aquilo, mas gostei de pelo menos ele ter falado diretamente comigo. No início fiquei triste, mas, acompanhando o trabalho e vendo o que ele queria, consegui identificar no que eu poderia ser útil. Continuei trabalhando firme, sem criar confusão, e no momento certo as coisas aconteceram.

**Sua mudança de posição dentro de campo passa por Sampaoli?** Passa bastante, sim, até porque ele não gosta de um camisa 9 tão fixo. Era o que ele queria naquele momento e eu consegui aplicar. Prestei muita atenção no que ele gostaria que aquela peça fizesse e aprendi uma função que até então nunca tinha feito.

**Você trabalhou com outros técnicos estrangeiros, como Turco Mohamed, Diego Aguirre, Eduardo Coudet e agora o Pedro Caixinha. De forma geral, o que esses profissionais trazem de diferente?** A questão da intensidade. Todos aplicaram isso, de estar a equipe toda junta, balançando e compacta. Os treinos são curtos, mas com muita intensidade.

**Por que você decidiu deixar o Atlético-MG?** Não houve briga, nem nada do tipo, foi mais por querer jogar. Eu não vinha sendo utilizado e sabia que poderia estar jogando mais. Disse isso ao técnico e à diretoria e todos entenderam numa boa. Tenho lenha para queimar, ainda.

ARI FERREIRA

Eficiente: Sasha já marcou dez gols no Brasileirão e diz viver a melhor fase da carreira

**Você tem esse jeitão mais pacato, pouco comum entre os boleiros, ainda mais com uma carreira consistente como a sua...** É algo natural. A boa fase não pode mudar o caráter da pessoa. Vejo muita gente assim, que começa a fazer gols e já se deslumbra, mas eu sempre tentei ter a mesma postura, independentemente de estar bem ou não.

**Até por ter esse perfil mais discreto, acredita que não foi valorizado como deveria?** Não, por mim está tudo certo. A questão da valorização passa muito pela mídia, e, talvez por não dar muitas entrevistas, eu não chamo tanta atenção. Mas em todos os clubes eu consegui ir bem, sempre tive mercado. As pessoas que trabalharam comigo sempre dizem que gostariam de trabalhar novamente. Acho que é isso que vale para a vida e como profissional.

**Não ter jogado no exterior é uma frustração?** Quando eu era mais novo – ou melhor, no início de carreira, porque falando assim parece que eu sou velho (risos) – eu tinha esse sonho, como todos. Mas as coisas não aconteceram, talvez pelas lesões. Deixo as coisas acontecerem naturalmente. É um sonho que não foi realizado ainda, mas, se não acontecer, seguirei satisfeito e grato por tudo.

**Seleção brasileira chegou a ser um objetivo?** Não. Claro que todo mundo sonha, principalmente quando é jovem, mas em nenhum momento eu senti que realmente merecia uma chance. Eu tenho consciência, sou um cara bem autocrítico.

**Você chegou ao Inter com apenas 9 anos e tem uma história muito bonita no Colorado. Como é enfrentar o time do coração?** É o clube que me revelou, passei minha adolescência toda lá dentro. Tenho um carinho muito grande pelo Inter e claro que é um sentimento diferente, mas são coisas do futebol. Passei meus momentos lá, bons e ruins, caí para a Série B e fiz questão de seguir para ajudar no retorno. Tudo o que eu tenho eu devo ao Inter.

**Tem um momento que o torcedor gaúcho não esquece, a valsa de debutante dançada em referência aos 15 anos sem títulos nacionais do Grêmio. O que levou a fazer aquela provocação?** Eu vivi aquela rivalidade desde os 9 anos. Foi uma ocasião diferente, por estar jogando no clube em que sempre quis jogar, ter vivenciado todas essas fases e saber o significado daquela rivalidade. Foi algo natural, de um menino que saiu da base e cumpriu o sonho de chegar ao profissional, mas já passou.

Travessuras da juventude: em 2016, Sasha enfureceu gremistas ao dançar valsa de debutante

DIVULGAÇÃO / INTER

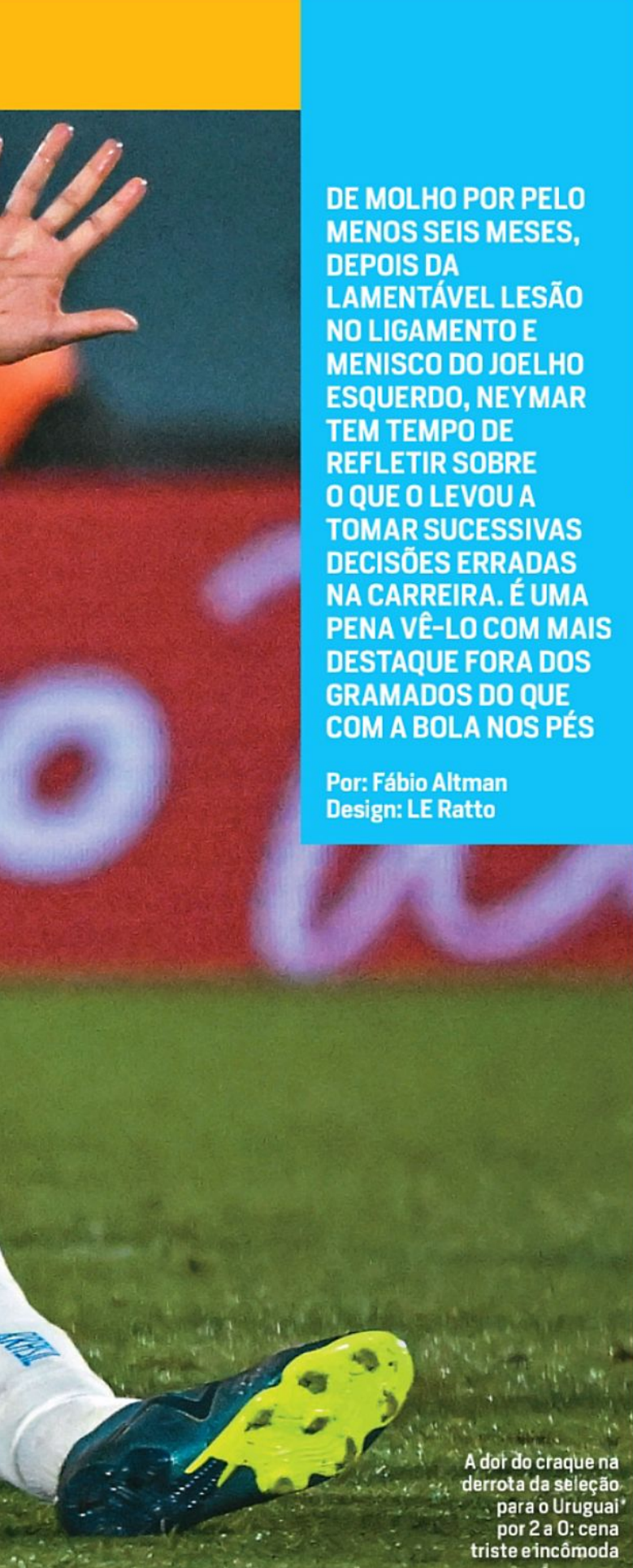
**Considera o Gre-nal a maior rivalidade do Brasil?** Sem dúvida, só quem jogou sabe como é. Já joguei clássicos em Minas e aqui em São Paulo, mas no Sul é diferente.

**O Bragantino não tem um rival regional tão claro. Qual é o time que vocês mais gostam de enfrentar?** Os quatro grandes de São Paulo. Sempre gera aquele algo a mais.

**Fala-se muito hoje na polêmica sobre entre gramados naturais e artificiais. Até pelas lesões, causa receio jogar em piso sintético?** Eu prefiro o natural. O sintético muda toda a situação de jogo para quem não está acostumado, a bola fica mais rápida. Tenho um receio, sim, pois é um campo mais duro, ao trocar de direção pode acabar acontecendo algo. Particularmente, por causa do meu histórico de lesões, acabo também ficando mais dolorido depois do jogo. Não é do meu agrado e nem dos meus colegas.

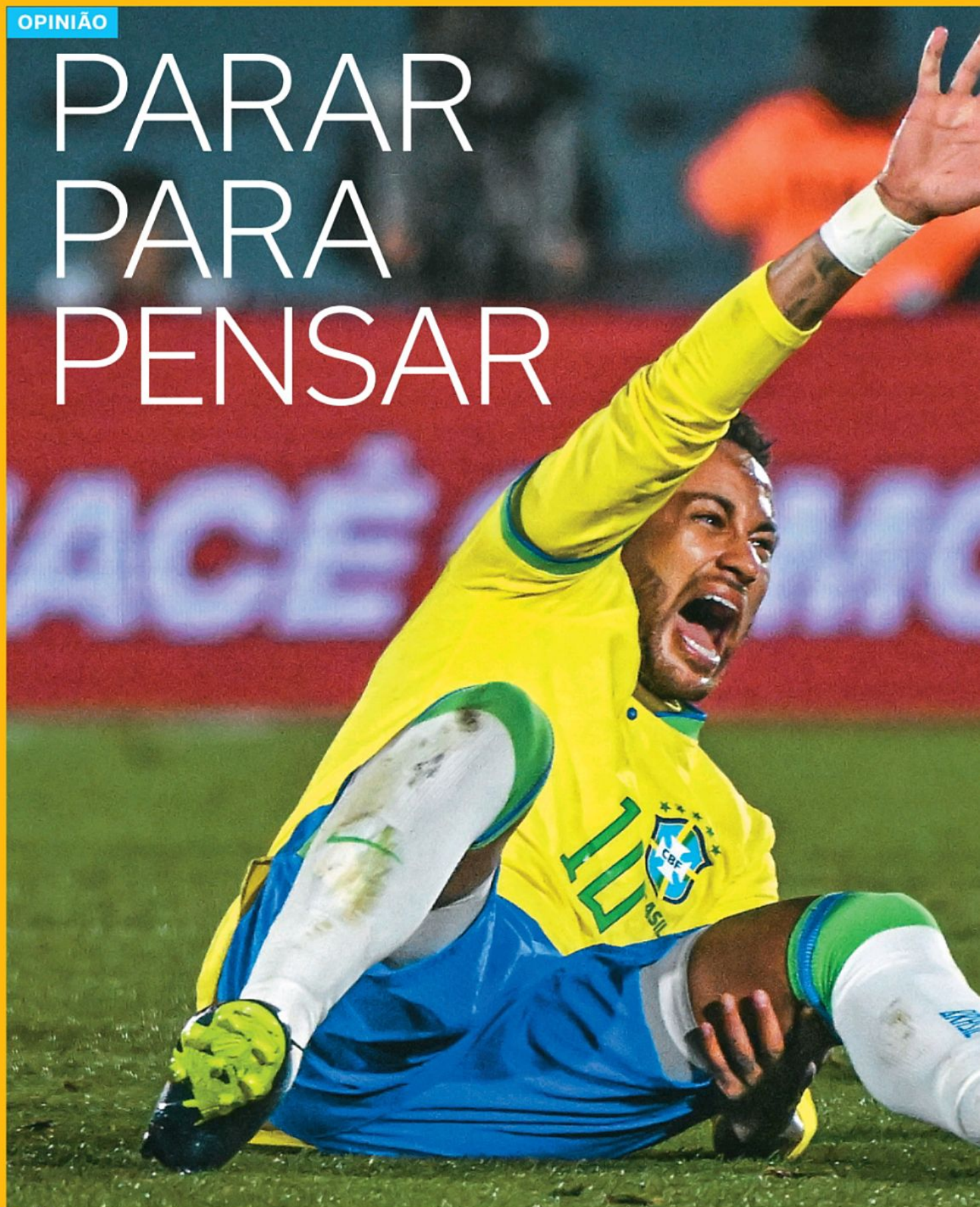
**Aos 31 anos, você já começa a vislumbrar o fim de carreira?** Meu plano é jogar até os 35, mas o futebol é muito dinâmico, podem acontecer lesões. Estou bem tranquilo, e depois que parar não tenho nada esclarecido, não sei se seguirei no futebol ou não.

**E como enxerga o futuro do Red Bull Bragantino?** É um projeto a longo prazo que já começa a dar frutos antes mesmo do planejado. Em breve vêm o novo centro de treinamento, as reformas no Estádio Nabi Abi Chedid, e isso vai ser um passo a mais, com certeza mais jogadores vão querer vir para cá. O clube está no caminho certo, com boas participações na Sul-Americana e na Libertadores, e é apenas o começo.

**Ainda dá para sonhar com o título brasileiro?** O campeonato é muito equilibrado. Muitas pessoas acham que o jogo vai ser fácil, que a vitória está garantida, e acaba acontecendo um resultado que não é o esperado. Claro que estamos felizes, o time está bem, confiante, mas estamos com os pés no chão, caminhando passo a passo, o que foi a nossa meta desde o início. Claro que existe a expectativa, mas já estamos confiantes e felizes com o trabalho realizado. ■

OPINIÃO

# PARAR PARA PENSAR

GETTYIMAGES

A dor do craque na derrota da seleção para o Uruguai por 2 a 0: cena triste e incômoda

**DE MOLHO POR PELO MENOS SEIS MESES, DEPOIS DA LAMENTÁVEL LESÃO NO LIGAMENTO E MENISCO DO JOELHO ESQUERDO, NEYMAR TEM TEMPO DE REFLETIR SOBRE O QUE O LEVOU A TOMAR SUCESSIVAS DECISÕES ERRADAS NA CARREIRA. É UMA PENA VÊ-LO COM MAIS DESTAQUE FORA DOS GRAMADOS DO QUE COM A BOLA NOS PÉS**

Por: Fábio Altman
Design: LE Ratto

Há um modo de medir o tamanho histórico de grandes jogadores brasileiros – e ele bebe do que há de mais agradável na paixão pelo futebol, a memória que nos leva ao passado, por vezes o amplia, de vez em quando o diminui, e não tem vergonha em distorcer um tantinho da realidade. Vamos lá, é assim a brincadeira: lembre um, dois momentos dos craques com a camisa amarela da seleção. De Pelé, o rei, nem mesmo é preciso puxar pelos gols impossíveis ou o tricampeonato mundial – há quem fique com a cabeçada contra Gordon Banks, que não entrou, ou aquele lindo balé diante do goleiro uruguaio Mazurkiewicz, que também terminou com a bola pela linha de fundo. Zico? Boa parte vai ficar com o pênalti desperdiçado contra a França, em 1986 – mas que tal o golaço de voleio contra a Nova Zelândia, em 1982? Romário tem uma Copa inteira, a de 1994, para chamar de sua. Ronaldo Fenômeno tem a dobradinha de gols na final contra a Alemanha, em 2002. Ronaldinho Gaúcho tem aquela bola voadora a encobrir David Seaman, da Inglaterra.

E Neymar? Neymar, Neymar... Com boa vontade dá para chegar no segundo gol, de canhota, na final da Copa das Confederações, em 2013. Quem sabe o inútil tento contra a Croácia, no Catar. É muito pouco, quase nada. Com a amarelinha – a régua aqui escolhida para dimensioná-lo –, o craque que nasceu para ser Pelé e nunca chegou lá teve desempenho muito abaixo do que sempre se esperou. Ele não passa pelo teste. É uma pena. Neymar talvez tenha desperdiçado uma carreira que poderia ser inigualável. Preferiu a ribalta das redes sociais e a lealdade com os parças a todo o resto. É um tremendo jogador, não há dúvida. Houve um tempo em que a criançada o adorava, e atire a primeira pedra quem nunca o quis em seu time – mas o personagem ficou maior que o atleta, infelizmente. Há o Neymar do bem, carinhosamente deitado na cama ao lado dos filhos, um deles recém-nascido. Mas há também o oposto, metido em sucessivas confusões, como o escândalo da modelo que o acusou de estupro e violência. O caso

OPINIÃO

No depoimento policial depois de ser denunciado por estupro e violência sexual: escândalos desnecessários

REUTERS

acabaria arquivado, mas o dano para a imagem é irreversível.

Qual deles, enfim, seria o Neymar de verdade? É difícil dizer. Talvez seja, infelizmente, aquele que brotou de um drama recente: o grito de dor ao romper o ligamento cruzado anterior e o menisco do joelho esquerdo na derrota diante do Uruguai – o que deve tirá-lo dos gramados por mais de seis meses. É o melancólico retrato de uma carreira já mais para o fim do que para o começo, aos 31 anos de idade, e nessa altura a recuperação é sempre mais difícil (leia no quadro da pág. 41). Ronaldo, quando estourou a patela, tinha 24 anos (releia, na pág. 56, a reportagem publicada por PLACAR em maio de 2000). Tomara que Neymar volte, e volte bem – e que tudo o que aqui vai escrito seja jogado fora. Não é o que a vista enxerga. Convém lembrar que a imprensa – PLACAR inclusive, em muitos momentos – ajudou a mimar o menino crescidinho. Tome-se, como exemplo, a exagerada festa feita em torno dos dois gols marcados contra o Peru, em setembro, com os quais teria passado Pelé. Ele chegou a 79 gols pela canarinho em partidas oficiais – e, na contagem celebrada pela Fifa, superou o Rei, autor de 77 gols. Há um truque estatístico a favor do camisa 10 do Al-Hilal, da Arábia Saudita. Mesmo que se considerem apenas os jogos oficiais, a média de Neymar é de 0,63 para cada 90 minutos. A de Pelé é de 0,84. Neymar, insista-se, está atrás também de Romário (média de 0,79) e Zico (0,68). Iguala-se a Ronaldo (0,63). Na contagem, comemorada nas redes sociais, a Fifa descartou 22 partidas e 18 gols do Rei do futebol. Pode soar natural, aos olhos de hoje, eliminar confrontos sem relevância alguma – convém lembrar, contudo, que nos anos 1960 alguns duelos fora de campeonatos eram muito mais difíceis (e bem pagos) do que enfrentar selecionados de países como a Bolívia, ainda que em torneios oficiais. Tudo somado, na ponta do lápis, não se pode diminuir a qualidade de Neymar como jogador

@NEYMARJR

NAS REDES SOCIAIS COM OS DOIS FILHOS, UM DELES RECÉM-NASCIDO: UM POUCO DE PAZ EM MEIO AO FRENÉTICO TURBILHÃO

## MAU PRESSÁGIO

**As diferenças entre uma lesão grave no final ou no início da carreira**

### ZICO

**Idade da lesão mais grave:** 32 anos
**Tipo da lesão:** rompimento do ligamento cruzado anterior e ligamento colateral
**Tempo de retorno:** seis meses
**Feitos pós-lesão:** título brasileiro de 1987

O Galinho se lesionou em entrada de Márcio Nunes, durante um Flamengo x Bangu, em 1985. Baleado, disputou a Copa do Mundo de 1986 e venceu um último Brasileirão pelo Mengão antes de encerrar a carreira, em um nível mais baixo, no Japão.

### BATISTUTA

**Idade da lesão mais grave:** 30 anos
**Tipo da lesão:** ligamento lateral externo
**Tempo de retorno:** um mês
**Feitos pós-lesão:** título italiano em 2001 pela Roma

Goleador nato, o ídolo da Fiorentina teve a reta final de sua carreira atrapalhada pelas dores no joelho. Ainda conquistaria um Campeonato Italiano, pela Roma, antes de se aposentar no Catar. Diz ter dificuldades para andar até hoje

### VAN BASTEN

**Idade da lesão mais grave:** 22 anos
**Tipo da lesão:** ligamento do tornozelo
**Tempo de retorno:** três meses
**Feitos pós-lesão:** Eurocopa de 1988, Champions de 1989 e 1990 e três Bolas de Ouro

Marco van Basten esbanjou classe e faro de gol. No entanto, problemas no tornozelo encurtaram a carreira do craque holandês. Farto de lutar contra as dores crônicas, a lenda do Milan se aposentou com apenas 29 anos

de futebol, mas listar números em vão de modo a tê-lo no patamar de Pelé é exagerado, para dizer o mínimo. A estatística, como em quase tudo na vida, informa alguma coisa – mas invariavelmente esconde outro tanto. Nem aqui, nem na Arábia Saudita, Neymar pode ser posto numa balança com Pelé – e tampouco com outros grandes nomes como Romário, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho e Zico, como já vimos no início deste texto. É mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha do que instalá-lo no reino dos gênios incontestáveis. Neymar, o Júnior, precisa, sim, ser contestado.

Por que – se não apenas pelo dinheiro – vestir a camisa 10 do Al-Hilal? Messi, dirão os adoradores de Neymar, também escolheu o acostamento. Sim e não. O argentino acaba de ser campeão do mundo pela Argentina, tem 35 anos de idade, empilhou Bolas de Ouro (leia na próxima reportagem) e, ao tomar a estrada para os Estados Unidos, abriu as portas para um país incomparável quando se trata de alavancar a fama por meio de marketing. Messi, portanto – no caminho oposto de seu ex-companheiro de Barcelona e PSG –, escolheu bem. E nunca é tarde para lembrar a profecia (sim, profecia) feita pelo treinador René Simões em 2010, quando Neymar tinha 18 anos de idade. Num jogo entre Santos e Atlético-GO, o craque discutiu com seu técnico, Dorival Júnior, e desobedeceu uma ordem sua. Disse Simões, para os microfones de rádio e televisão: "O que esse rapaz tem feito é inaceitável. Algo precisa ser feito, Neymar tem de ser educado logo. Desse jeito, ele vai virar um monstro".

A lesão no joelho já se reflete no valor de mercado do atleta, segundo análise do site especializado Transfermarkt. O meia-atacante sofreu uma nova desvalorização. Caiu de 60 milhões de euros (314,7 milhões de reais) para 50 milhões de euros (262,3 milhões de reais). A análise considera que Neymar tem o menor valor de mercado desde 2013, quando deixou o Santos rumo ao Barcelona. O auge de Neymar esteve em 2019, quando tinha 27 anos e defendia o PSG – estava avaliado em 180 milhões de euros (o equivalente a mais de 940 milhões de reais). É um tanto feio, a essa altura do campeonato, atrelar a dor ao dinheiro, mas é a mensagem que ele entende. Não é errado ganhar dinheiro com o trabalho e certamente Neymar deixou muita gente rica ao seu redor – mas seria espetacular que se pudessem destacar outros aspectos de sua jornada de chuteiras, e não os piores. Tê-lo recuperado, quem sabe levando o Brasil ao hexa, talvez seja a única saída possível, um modo digno de limpar a imagem manchada por caminhos tortos.

Mas, afinal de contas, quando mesmo ele volta para reconstruir a vida, e em que condições? O repórter Enrico Benevenutti, de PLACAR, ouviu dois especialistas. "São no mínimo seis meses para ele voltar a jogar, diria que talvez nove meses", afirmou Fabiano Frade, ortopediatra e traumatologista da Clínica Ortopédica Ibirapuera e do Hospital Israelita Albert Einstein, de São Paulo. Joaquim Grava, reputado ortopedista do Corinthians, vai pelo mesmo caminho. "O tempo de afastamento é de seis a oito meses, varia muito de atleta para atleta", diz. "No meu protocolo, após a operação ele fica três meses fazendo fisioterapia passiva até a formação do enxerto. Depois, fisioterapia ativa, com musculação mais forte. Com cinco meses pode começar a transição para o trabalho físico." Lesionado, Neymar tem agora a chance de parar para pensar na vida – e enxergar as escolhas erradas que fez, que não foram poucas. ■

ESPECIAL

# O HOMEM MAIS FELIZ DO MUNDO

AFP

**CAMPEÃO DO MUNDO, RECORDISTA DE BOLAS DE OURO E, ENFIM, ÍDOLO INCONTESTÁVEL EM SEU PAÍS, LIONEL MESSI ESTÁ ANDANDO NAS NUVENS. AOS 36 ANOS, NÃO TEM MAIS NADA A CONQUISTAR NO FUTEBOL E NUNCA JOGOU TÃO LIVRE, LEVE E SOLTO. DO OLIMPO, JÁ ANUNCIA A PASSAGEM DE BASTÃO**

Por: Leandro Miranda
Design: LE Ratto

Orgulho: o craque com os filhos Thiago, Mateo e Ciro, na cerimônia em Paris

Quando David Beckham anunciou à plateia do Théâtre du Châtelet, em Paris, no último dia 30 de outubro, o que todos já sabiam – que Lionel Messi havia ganhado a Bola de Ouro como melhor jogador da temporada 2022/2023 –, foi colocada a última cereja no bolo. Ao receber o prêmio individual mais prestigiado do planeta pela oitava vez, um recorde absoluto, o gênio argentino superou ninguém menos que o Rei Pelé, dono de sete honrarias (*veja o quadro na página 44*). O simbolismo não poderia ser maior para um jogador que, até pouco tempo atrás, era contestado no próprio país. Ao liderar a Argentina na conquista da Copa do Mundo do ano passado, no Catar, tirou o maior peso da carreira de cima dos ombros e acabou com qualquer dúvida que ainda pudesse restar. Como dizem seus milhões de jovens fãs por aí: Messi "zerou" o jogo, e está consciente disso.

Leo sabe que não há mais nada a almejar. O recorde de títulos no futebol profissional já é seu, com 43 (quatro Ligas dos Campeões, três Mundiais de Clubes, dez Campeonatos Espanhóis, uma Olimpíada, uma Copa América e, claro, a Copa do Mundo – só para ficar nos mais importantes). Ele soma mais de 800 gols na carreira e inevitavelmente fará outros tantos, por pura diversão, nos gramados dos Estados Unidos. Para além das estatísticas, é amado e admirado pela genialidade de seu pé esquerdo e pela humildade com que se porta dentro e fora de campo. Aos 36 anos, Messi deixou claro em Paris que só quer aproveitar o tempo que resta, sem pensar mais em troféus e cobranças.

O discurso com a Bola de Ouro nas mãos deixou claro que ele não espera ganhar o troféu de novo, nem se preocupa com isso. Seus dois concorrentes mais próximos neste ano fazem parte da nova geração de fenômenos da bola: o norueguês Erling Haaland, 23 anos, ficou em segundo, enquanto o francês Kylian Mbappé, 24, com-

pletou o pódio. "Haaland, Kylian, vocês tiveram um ano incrível, espetacular. Sem dúvida, nos próximos anos esse prêmio será de vocês. Estou vendo muitos jovens aqui, é uma maravilha e uma honra. Sei que o futebol vai continuar crescendo. Os jogadores vão se renovando, mas o nível permanece", disse Messi, que não só reconheceu que foi eleito o melhor por causa da performance da Argentina na Copa como fez questão de agradecer aos torcedores de outros países pela *albiceleste*.

Estamos vendo, ao vivo, o fim de uma era de longevidade sem precedentes na elite do futebol mundial – entre a primeira e a oitava Bola de Ouro, são catorze anos de diferença. E o fato é que, se o craque dificilmente vai voltar a competir em alto nível nas principais ligas europeias, é visível que ele tem jogado com grande leveza, como se entrasse em campo apenas para se divertir, como fazia na infância, nos *potreros* de Rosário. Messi ainda tem mais um ano de contrato com o Inter Miami, com possibilidade de estender seu recorde de taças, e certamente fará muitos gols espetaculares. E, por mais que sua provável despedida da seleção seja na Copa América de 2024, "em casa", nos Estados Unidos, ainda é cedo para descartar a possibilidade de vê-lo no Mundial de 2026.

Ao ver a alegria no rosto do camisa 10 ao chegar à festa em Paris, sempre acompanhado da esposa Antonella e dos filhos Thiago, Mateo e Ciro, foi impossível não lembrar uma cena diametralmente oposta: o choro compulsivo e desconsolado ao perder a final da Copa América de 2016 para o Chile, com direito a pênalti desperdiçado na disputa decisiva. Messi chegou até a declarar que não voltaria a jogar pela seleção argentina, para se poupar de novas decepções. Quase se conformou com nunca levantar uma Copa. Quantas voltas a bola dá...

Felicidade, aliás, foi uma das palavras mais citadas por Messi quando ele decidiu deixar o Paris Saint-Germain após dois anos com pouca coisa para celebrar. O time foi campeão francês nas duas temporadas, mas isso é visto como mera obrigação. O trio dos sonhos com Mbappé e Neymar não foi suficiente para concretizar a obsessão do clube pela Liga dos Campeões, e em seus últimos meses o argentino chegou a – pasmem! – ser vaiado por parte dos próprios torcedores, que enxergavam "falta de vontade" em campo.

Não, Messi não era feliz no Parque dos Príncipes, como ele próprio admitiu. Além de não conseguir mostrar sua melhor versão dentro de campo em um time desequilibrado, passou cada vez menos tempo com a família fora dele. "Eu perdi muito da vida com meus filhos. Em Barcelona, ia buscá-los na escola. Na França, fiz muito menos isso, compartilhava menos atividades com eles", contou Leo ao aceitar a proposta do time de Beckham em Miami. A ideia, nas palavras do próprio jogador, era "se reencontrar" com a família e voltar a "desfrutar o dia a dia". Ele tinha propostas mais vantajosas financeiramente de clubes da Arábia Saudita, mas não quis seguir o caminho de Neymar e de seu eterno antagonista, Cristiano Ronaldo, cujo mérito por ter competido cabeça a cabeça com Messi por tantos anos merece cada vez mais reconhecimento.

E como Messi está curtindo a nova fase! O que pareceu (para muitos) uma escolha equivocada vem se revelando o contrário: mais um golaço na condução da própria carreira – o exato oposto das escolhas feitas por seu amigo Ney, como se vê no artigo da página 38. O início no Inter Miami dificilmente poderia ter sido melhor, com onze gols e cinco assistências nos quatorze jogos que fez neste ano. Sua chegada – ao lado dos ex-parceiros de Barcelona Sergio Busquets e Jordi Alba – transformou o clube de tal forma que, logo de cara, a equipe surpreendeu a todos e foi campeã da Leagues Cup, um torneio com times dos Estados Unidos e do México. Problemas físicos tiraram o camisa 10 da final da US Open Cup, e o Miami foi derrotado pelo Houston Dynamo. Em outros tempos, talvez ele tivesse se forçado a ir para o jogo no sacrifício, arriscando uma lesão mais séria.

Como o Inter Miami não se classificou para os playoffs da MLS – era o lanterna de sua conferência quando Messi chegou –, o craque agora desfruta algo inédito desde que começou a carreira profissional: férias prolonga-

## ATÉ O REI FICOU PARA TRÁS

**Ao conquistar seu oitavo troféu, Messi alcançou mais um recorde na carreira**

### Os maiores vencedores da Bola de Ouro

**8** **LIONEL MESSI**
2009, 2010, 2011, 2012, 2015, 2019, 2021 e 2023

**7** **PELÉ**
1958, 1959, 1960, 1961, 1963, 1964 e 1970 *

**5** **CRISTIANO RONALDO**
2008, 2013, 2014, 2016, 2017

**3** **JOHAN CRUYFF**
1971, 1973, 1974

**3** **MARCO VAN BASTEN**
1988, 1989, 1992

**3** **MICHEL PLATINI**
1983, 1984 e 1985

*Pelé jamais recebeu a Bola de Ouro, pois em sua época apenas atletas europeus eram premiados. Em 2015, porém, a *France Football* realizou uma revisão histórica que lhe atribuiu sete troféus

RICARDO CORRÊA

BEST PHOTO AGENCY

O merecido descanso: depois de enfim erguer a Copa do Mundo, em sua quinta tentativa, Messi foi curtir a vida no Inter Miami

das. Ele vai ficar quatro meses sem entrar em campo até o início da próxima temporada da liga norte-americana, em março de 2024. O período de descanso casa exatamente com o que ele pensava quando decidiu jogar fora da elite europeia. Depois de vencer tudo o que era possível, Messi agora se preocupa mais com os objetivos traçados em outras esferas da vida.

Um empréstimo de volta para o Barcelona durante esse período de inatividade (aos moldes de Thierry Henry para o Arsenal em 2012, ou do próprio Beckham para o Milan em 2009 e 2010) chegou a ser ventilado, mas foi logo descartado por pessoas próximas ao jogador. Não faria sentido voltar para o turbilhão caótico que é hoje o clube catalão, depois de passar pelo calvário do PSG e se ambientar tão bem em um ambiente mais tranquilo como o da MLS. Messi até cogitou voltar para o Barça no meio do ano, mas fechou essa porta depois de ver que a situação financeira do clube continuava tão incerta quanto na ocasião que causou sua saída regada a lágrimas em 2021. Em português claro: ele não precisa mais disso.

E do que ele precisa? Difícil dizer. A Copa do Mundo abriu definitivamente para ele as portas do panteão dos maiores do futebol. A fama injusta de *pecho frío*, como os argentinos chamam os jogadores que somem em decisões, deu lugar a uma idolatria no país que só encontra precedente na adoração por Diego Armando Maradona, que por tanto tempo jogou sobre Messi a sombra de sua conquista heroica na Copa de 1986. Agora ninguém mais ousa questionar que os dois se sentam à mesma mesa. Ou, indo além, que a discussão de Messi não é mais com Dieguito – a quem La Pulga dedicou sua oitava Bola de Ouro –, mas com o maior de todos, Pelé, que coincidentemente viveu um fim de carreira semelhante: admirado por todos à sua volta e desfrutando o sonho americano. ■

COM APENAS QUATRO ANOS DE VIDA, CLUBE QUE LEVA O NOME DO ESTADO ASCENDEU À SÉRIE B COM TÍTULO HISTÓRICO E BRILHO DO VETERANO ATACANTE SASSÁ

Por: Enrico Benevenutti
Design: LE Ratto

# VEM AÍ O AMAZONAS

Campeão da Série C: Amazonas faz história e é o primeiro time do estado a conquistar um título nacional

Poucos animais são tão emblemáticos para a fauna brasileira quanto a onça-pintada. No topo da cadeia alimentar, o maior felino do continente é costumeiramente avistado na Região Norte do país. O símbolo de força e velocidade é também a mascote do Amazonas Futebol Clube, equipe de Manaus que tem apenas quatro anos de existência e se sagrou campeã da Série C. Com o título, o clube estará na Série B em 2024, quebrando um jejum de dezessete anos – desde 2007, quando o São Raimundo jogou na Segundona, nenhum clube local chegava tão longe.

O esquadrão aurinegro que leva o nome do estado foi fundado em 23 de maio de 2019 para rivalizar com o Manaus, criado cinco anos antes, mas precisou de menos tempo para ganhar as manchetes. Com sede em Armando Mendes, bairro da periferia da capital amazonense, tornou-se o primeiro do estado a levantar um troféu nacional. "Eu espero que o futebol continue crescendo por aqui, nosso estado merece mais destaque", diz Ibson, ex-jogador de Flamengo e Corinthians que atuou pelo Amazonas em 2022, pouco antes de se aposentar, e hoje trabalha como assistente técnico do clube.

A ascensão meteórica do Amazonas começou no próprio ano de fundação, ao subir para a elite estadual logo na primeira tentativa. Em seguida, precisou superar a morte do técnico Ruy Scarpino, vítima de Covid-19. A virada de chave veio com a classificação para a Série D do Brasileirão. "O clube tinha dinheiro, mas não tinha organização. Tudo mudou em 2022, com a contratação de Ângelo Márcio para ser executivo de futebol. Ele faz toda a diferença", opina a jornalista Larissa Balieiro, da Agência Esportiva LB.

Desde o início, velhos conhecidos do nosso futebol, como Maykon Leite, Marion, Eduardo Ramos e o atacante Walter, vestiram a camisa da Onça. "Muito da visibilidade veio com a contratação desses jogadores. Hoje em dia, em qualquer roda de conversa você escuta o nome do

Sassá", completa Pietra Telles, jornalista amazonense, citando a atual estrela do time, com passagens por Cruzeiro e Botafogo.

Na Série C, o Amazonas começou perdendo para o Brusque. A revanche contra a equipe catarinense veio justamente na melhor ocasião: a grande final. Ainda na primeira fase, anotou uma sequência invicta de dez jogos e terminou na terceira colocação geral. Na segunda fase, liderou o Grupo B e garantiu a vaga na Segunda Divisão – despachando equipes mais tradicionais, como Paysandu, Volta Redonda e Botafogo-PB. Na decisão, empate sem gols em Manaus e vitória por 2 a 1 em Brusque. O jogo que garantiu o acesso, contra o Botafogo-PB, teve 44 509 torcedores lotando a Arena da Amazônia – o segundo maior público do estádio, à frente até mesmo de jogos da Copa do Mundo de 2014, como o clássico entre Itália e Inglaterra.

A conquista da Série C representou a redenção para Sassá. Aos 29 anos, ele garante ter abandonado as inúmeras polêmicas que cercaram sua carreira. "São coisas da idade e ficaram para trás. Hoje vivo um novo momento", afirmou em entrevista a PLACAR. O atacante terminou a temporada feliz da vida, com o acesso, o título e a artilharia do campeonato, com 18 gols em 24 jogos, inclusive um na final. "O Amazonas é um clube formado por pessoas simples, trabalhadoras e dedicadas, e que, apesar do pouco tempo de vida, já alcançou feitos enormes. Nosso time é muito bom e juntos conseguimos fazer história. O que temos recebido de carinho e apoio é surreal."

Hat-trick: Sassá comemorou o título, o acesso e a artilharia com a camisa da Onça-Pintada

LEO PIVA / CBF

O momento atual do futebol amazonense teve início em 2013, quando ex-dirigentes do tradicional Nacional resolveram criar o Manaus, que seria pentacampeão estadual entre 2017 e 2022. O caçula aproveitou-se do fato de os clubes tradicionais estarem em baixa para se estabelecer como uma potência regional. A ascensão do Gavião do Norte despertou o interesse político no futebol, tanto municipal quanto estadual, e os governos passaram a turbinar o clube. Nesse contexto, nasceu o Amazonas – sem nenhum apoio oficial. Até o ano passado, era financiado pelo presidente do próprio clube e seus apoiadores. "Só o Manaus recebia verba", destaca Larissa.

Este ano, a prefeitura de Manaus passou a investir o

**FUNDAÇÃO**
2019

**CAMPEÃO DA 2ª DIVISÃO DO AMAZONENSE**
2019

**ACESSO À SÉRIE D DO BRASILEIRO**
2021

**ACESSO À SÉRIE C DO BRASILEIRO:**
2022

**CAMPEÃO DA SÉRIE C DO BRASILEIRO**
2023

**ESTREIA NA SÉRIE B DO BRASILEIRO**
2024

JOÃO NORMANDO/AMAZONASFC

O jogo do acesso: com mais de 44 mil torcedores na Arena da Amazônia, foi o segundo maior público do estádio

mesmo valor nos dois times: 1 milhão de reais. E o governo estadual destinou inéditos 7,5 milhões de reais entre os clubes. O Amazonas também se beneficiou de uma emenda parlamentar para lá de controversa da deputada estadual Joana Darc no valor de 3,5 milhões de reais. A proposta original era destinar o dinheiro para o projeto Guardiões do Futebol, para a realização de peneiras no interior do estado, mas acabou se tornando uma importante fonte de renda para a Onça-Pintada.

Jefferson Oliveira, presidente do Rio Negro, questiona tudo o que aconteceu: "O Amazonas recebe muita emenda. A folha salarial é desconhecida. Alguém sabe quanto ganha o Sassá?". O clube aurinegro, por sua vez, diz utilizar a verba para "aquisição de materiais e a implantação dos núcleos em alguns locais". Às vésperas da publicação desta reportagem, a deputada Joana Darc foi notificada pelo Tribunal de Contas do Amazonas para esclarecer a tramitação da emenda.

**AMAZONAS RECEBEU AUXÍLIO FINANCEIRO DA PREFEITURA DE MANAUS E DO GOVERNO ESTADUAL E EMENDA PARLAMENTAR MILIONÁRIA QUE CAUSOU POLÊMICA NA REGIÃO**

Larissa também explica que "o dinheiro público só vai para os clubes que estiverem regularizados e aptos a receber. É preciso enviar uma série de documentos. Assim, os clubes novos têm mais facilidade do que os tradicionais". Jefferson Oliveira confirma: "O Rio Negro tem problemas com certidões e, por isso, não consegue participar dos editais. Temos cerca de 3 milhões de dívidas, não chega a ser muito. Parcelamos algumas coisas, mas só recebemos cerca de 170 000 reais para disputar o Campeonato Amazonense".

A onda de renovação tem outra cria, já. O Manauara foi fundado no fim de 2020 pelo empresário Marcus Souza e já vem colhendo frutos. O Manamáquina, como é conhecido, foi finalista da última edição do Estadual, perdendo o título justamente para o Amazonas. Outro efeito colateral positivo dessa agitação é movimentar um dos principais candidatos a elefante branco da Copa de 2014, a Arena da Amazônia, cuja construção custou mais de 600 milhões de reais. A partir da segunda fase da Série C, a Onça mandou suas partidas no estádio, com média de público de 20 752 torcedores.

E a euforia só tende a crescer, com a participação na B de 2024. O Amazonas garante que não quer cair de volta e promete carregar a paixão de toda a Região Norte pelo futebol. Por que não sonhar com a torcida da Onça-Pintada na elite nacional? ■

PERFIL

**O EX-ÁRBITRO RODRIGO BRAGHETTO VENCEU UM SEVERO QUADRO DE DEPRESSÃO COM AUXÍLIO PROFISSIONAL E AO REENCONTRAR UMA VELHA PAIXÃO: O JOGO DE BOTÃO, QUE LHE DEVOLVEU A ROTINA DE TREINOS E A ADRENALINA DA COMPETIÇÃO**

Por: Toni Assis
Foto: Alexandre Battibugli
Design: LE Ratto

# O FUTEBOL COMO TERAPIA

Renascido: Braghetto, com o velho uniforme, ao lado dos amigos no clube Maria Zélia

É fim de tarde e um grupo de praticantes de futebol de mesa se reúne para os treinos semanais no tradicional Maria Zélia, clube localizado no bairro do Belenzinho, na capital paulista. Ali, um ex-juiz de futebol se destaca na sala de jogos com seu jeito extrovertido ao comandar as brincadeiras e ajudar a organizar o ritmo das atividades. Figura carismática, Rodrigo Braghetto, de 48 anos, voltou a ser presença constante no universo dos botonistas há cerca de um ano, quando rompeu uma ausência de mais de duas décadas para, literalmente, voltar a sorrir. Um dos principais nomes da arbitragem brasileira neste século, ele foi vítima de um quadro grave de depressão ao encerrar a carreira de

forma abruta, em 2013. No fundo do poço, Braghetto cogitou tirar a própria vida e precisou de auxílio profissional e um bom tratamento para se recuperar. Hoje, o remédio que o ajuda a manter a rotina é outro: o jogo de botão.

Em uma conversa com a reportagem da PLACAR, Braghetto abriu o jogo. "Falo para minha mulher, quando pego os botões, que estou indo para a terapia. Jogar botão aqui, com essa concentração, a busca pela precisão e a sede para virar uma partida... para mim é uma superação. Essa é a sensação mais próxima que eu tenho de estar na ativa, apitando um jogo profissional. E esse sentimento me faz muito bem."

Disciplinado, ele passa longe dos tempos sombrios em que mal tinha forças para sair da cama. Atualmente, chega a dedicar quatro dias da semana entre treinamentos e participações em campeonatos de futebol de mesa. "Rapaz, é uma coisa muito dinâmica. Em dias de competições, a disputa começa às 9 da manhã e termina às 6 da tarde, com uma hora de almoço. São 96 botonistas jogando ao mesmo tempo. E tem aquela coisa de querer chegar ao pódio, ganhar troféu. Vai chegando o dia e só penso no clima da competição. Eu preciso muito disso."

O sorriso fácil de Braghetto ao falar de sua paixão dá vez à serenidade quando o assunto é a fase mais difícil de sua vida. "Hoje sou um missionário contra a depressão. Ajudo as pessoas que estão enfrentando esse quadro e tenho um olho clínico para isso. Demorei a aceitar o meu problema, por isso fui ao fundo do poço. Minha vida mudou muito com a decisão de parar de apitar aos 38 anos. As pessoas perguntavam como eu estava, dizia que tudo ia bem, mas não era verdade. Se você não procurar ajuda, a situação vai ficando insustentável."

Mas nem sempre ele pensou dessa forma. Ao contrário. No início, virou as costas para uma ajuda especializada. A volta por cima só veio com doses de religiosidade, tratamento qualificado e o apoio de "uns poucos amigos". Segundo o ex-juiz, "a cura começou verdadeiramente quando aceitei que estava doente e precisava de ajuda. Fiz terapia, tomei os 'rivotril da vida' [ansiolíticos, remédios que tratam de diversos distúrbios mentais, em especial a ansiedade] e da ajuda de Deus."

Braghetto lembra que chegou a traçar um plano para tirar a própria vida, achando que seria a dramática solução. "Sabemos que não é. Contar com os poucos amigos também foi importante. Numa situação dessas, você fica

ALEXANDRE BATTIBUGLI

"JOGAR BOTÃO É A SENSAÇÃO MAIS PRÓXIMA QUE EU TENHO DE ESTAR NA ATIVA, APITANDO UM JOGO PROFISSIONAL. E ESSE SENTIMENTO ME FAZ MUITO BEM"

O árbitro em um duelo do Corinthians, em 2011: denúncia envolvendo o clube alvinegro abreviou sua carreira

emotivo, vulnerável, e são poucas as pessoas que se dispõem a te ajudar verdadeiramente. Várias vezes a conversa era na base do choro, com muita angústia e tristeza. Mas depois, com o tratamento, coloquei na cabeça que iria sair dessa e consegui. Outra coisa que ajudou muito foi o nascimento do meu filho Lucas, que hoje tem 10 anos. Aquilo me deu muita força."

Árbitro da Federação Paulista de Futebol (FPF) por dezesseis anos, dos quais catorze anos de serviços prestados à Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Braghetto tinha 23 anos quando começou a comandar partidas da Série A do Campeonato Brasileiro. Chegou a aspirante ao quadro da Fifa. Toda a pressão inerente à função precisou ser assimilada muito cedo. Da mesma forma como despontou na carreira, acabou saindo de cena.

O erro mais grave dos mais de 1000 jogos apitados aconteceu em 2009, ironicamente contra seu clube do coração – ao se aposentar, Braghetto assumiu ser torcedor do Palmeiras. Um pênalti não assinalado em Diego Souza num Choque-Rei contra o São Paulo lhe rendeu uma geladeira. Quatro anos depois, outro clássico selaria seu destino. Escalado para a segunda partida da decisão do Campeonato Paulista de 2013, entre Santos e Corinthians, ele acabou afastado pela FPF. O motivo: ter uma empresa que apitava torneios internos em clubes. Como o Corinthians era um de seus clientes, a entidade que comanda o futebol paulista achou por bem tirá-lo da final.

"A data eu lembro até hoje: 17 de maio de 2013, uma sexta-feira. O jogo aconteceria dois dias depois. Um blog de um cara que não tem a menor credibilidade publicou que 'o juiz que vai apitar o jogo de domingo recebia salário do Corinthians'. Colocou uma notícia que agora é moda, né? Tudo *fake news*. Decidiram me tirar para preservar o campeonato e, como já estava bem cansado e com muitos anos de federação, decidi parar de apitar. Essa parada brusca foi o que provocou a depressão."

Mais do que profissão, a arbitragem era uma paixão. Dar fim àquela rotina quando poderia ter continuado em alto nível custou caro. "Abdiquei de muitas coisas, respirava arbitragem. Abri mão de propostas de emprego, mas não estava preparado para encerrar a carreira. Continuei vendo os jogos de futebol e dava aquela saudade de tudo que envolvia a rotina: arrumar a mala, chegar ao estádio. Alguns amigos falaram que eu estava na primeira morte. Foi um momento muito difícil."

Depressão associada a esportistas não é novidade, uma vez que os atletas de alto rendimento são submetidos constantemente à pressão. "É preciso pensar em algo para o pós-carreira. Muitos jogadores começam cedo e nem sempre estão preparados para o momento da parada. Procuro ajudar, na medida do possível, pessoas que eu conheço. O problema é que poucos que sofrem desse problema têm coragem de falar sobre isso abertamente", adverte.

Formado em administração de empresas e também em Educação Física, Braghetto é pós-graduado em Futebol e Ciências do Esporte. Com foco na carreira de gestão esportiva, está prestes a assumir a presidência do Paulistano de São Roque, onde já desenvolve um trabalho de formação de atletas. "Eu aposto em uma formação que chamo de 360 graus: as partes técnica, física e mental. Todas as aplicações que fazemos no trabalho de campo têm, de alguma forma, o treinamento psicológico. Tomadas de decisões por pressão e trabalho em equipe são alguns desses exemplos. Hoje, o que fazemos é dar uma chance real a meninos e meninas de terem o tão sonhado momento deles, que é o de ser jogador de futebol." O ex-árbitro também dirige o Instituto Cartão Vermelho, um projeto social cuja meta é a inclusão por meio do esporte e que tem como slogan "A nossa missão é formar cidadão".

O momento mais feliz da semana de Braghetto, porém, é mesmo no futebol de mesa com os amigos. Se nos tempos da ativa ele tinha a missão de domar atletas cascudos como Marcelinho Carioca, Edmundo, Rincón, Viola e Djalminha, a tarefa agora é acompanhar o ritmo dos companheiros de botão. "O Maria Zélia é um dos melhores times, e poder reencontrar o Mura, o Erismar, o Fernando Santos, que são diretores aqui, é fantástico. Jogar em um nível federado me deixa muito feliz."

Feliz e recompensado. Pela modalidade acrílico 12 toques, Braghetto ficou com o vice-campeonato da Copa Mura (torneio organizado em homenagem a um dos pioneiros do futebol de mesa) e levantou o título da Liga Perdizes. "Recentemente fui campeão no clube Sete de Setembro, disputando a categoria tampão. Como você vê, estou voltando." ■

**EDIÇÃO:** GABRIEL GROSSI

# PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

**56** **GRANDE REPORTAGEM**
A terrível contusão no joelho direito de Ronaldo Fenômeno, em drama acompanhado pelo mundo em 2000

GETTY IMAGES

ORLANDO KISSNER

**64** **LITERATURA**
Para matar a saudade daquele Bahia de Dodô e cia., campeão brasileiro de 1988

**62** **SOCIEDADE**
O charme lúdico de uma exposição de brinquedos no Museu do Futebol, em São Paulo

MUSEU DO FUTEBOL

SPORTING HEROES

**66** **MEMÓRIA**
O adeus a um dos grandes da história do futebol, *Sir* Bobby Charlton, do Manchester United e da seleção da Inglaterra

# REVIRAVOLTA FENOMENAL

Em abril de 2000, Ronaldo – então Ronaldinho – lesionou o joelho direito pela segunda vez. PLACAR acompanhou a cirurgia e o drama vivido por milhões de brasileiros, que se perguntavam: nosso craque conseguiria retornar? Sim, conseguiu, como se sabe

O grito de dor: logo após romper o tendão do joelho direito, PLACAR cravou que havia chance de o craque voltar

GETTY IMAGES

**ACONTECEU NO ESTÁDIO OLÍMPICO DE ROMA, EM TÓQUIO, CORUMBÁ, TORONTO E BOMBAIM. ALGUNS VIRAM AO VIVO, OUTROS EM VIDEOTEIPE, MUITOS APENAS NOS NOTICIÁRIOS DA NOITE. PODIA-SE GOSTAR, ODIAR, TORCER, ABOMINAR OU ATÉ DESPREZAR O PERSONAGEM. O FATO É QUE TODOS REAGIRAM DE UM JEITO MUITO IGUAL. MÃOS NA CABEÇA, OLHOS VIDRADOS E FRASES COMO 'COITADO', 'QUE COISA HORRÍVEL', 'NOSSA SENHORA'. A CENA DE RONALDINHO DESABANDO NO GRAMADO NÃO PERMITIA INDIFERENÇA. A VÍTIMA AGONIZOU, A COMPAIXÃO FOI MUNDIAL. PLACAR INTERROGOU MÉDICOS FRANCESES E BRASILEIROS, VASCULHOU PESQUISAS E ESTUDOS. DESCOBRIU QUE AS CHANCES DE RONALDINHO SER DE NOVO RONALDINHO SÃO DE 50%**

**Por Fernando Eichenberg, de Paris, e Arnaldo Ribeiro**

Na noite da quinta-feira, 13 de abril, quando despertou no seu leito do quarto 739, no Hospital Pitié-Salpêtrière, após uma cirurgia de duas horas e ainda atordoado pela anestesia geral, Ronaldinho deve ter se perguntado se não havia retornado no tempo. Ele encenava o replay do que vivera 20 semanas antes: foi operado na mesma sala do hospital parisiense, pelo mesmo médico, por causa de uma ruptura do mesmo tendão do joelho direito. Dessa vez, no entanto, a lesão fora mais grave. A cirurgia de 30 de novembro do ano passado reparara uma ruptura parcial do tendão. Agora a ruptura era total.

Na sexta-feira, 14 de abril, diante de uma curiosa imprensa internacional, o médico Gérard Saillant foi dubitativo na conclusão: "Ninguém honesto poderá dizer, hoje, que Ronaldo nunca mais poderá jogar futebol, nem que voltará a jogar a 100%." Antes mesmo disso, os palpites já se multiplicavam, a começar pelo médico da Lazio, Andrea Campi, minutos depois de socorrer Ronaldinho no Estádio Olímpico de Roma: "Lamentavelmente, estou convencido de que as chances de ele jogar futebol de novo são de apenas 50%." E nem precisava ser médico para dar pitaco no joelho do Fenômeno. "Todo mundo agora é especialista em tendão, em como recuperar joelho. Seu país é assim?", queixou-se o assediado Saillant ao fisioterapeuta do jogador, Nílton Petrone, o Filé.

Não, nem todo mundo é especialista em joelho; ao contrário. Dois argumentos principais são usados para evitar uma previsão sobre as chances de Ronaldo:

1 Cada caso é um caso e não dá para saber como será a recuperação; e

2 Só os médicos que operaram Ronaldinho podem saber como ele está.

Mas eles não são inteiramente verdadeiros, porque...

1 Sim, cada caso é um caso, mas os or-

topedistas dispõem de estatísticas sobre casos parecidos com o do brasileiro, que permitem fazer um prognóstico razoável.

**2** Nem os médicos que operaram Ronaldinho podem saber, em seu estado atual, como será a evolução da recuperação, que depende de muitos fatores.

Mas é possível encontrar pistas do que Ronaldo terá pela frente na literatura especializada – que inclui obras do próprio Gérard Saillant. Dois estudos franceses debatidos em dois congressos de traumatologia – na Martinica, em 1989; e em Munique, em 1995 – revelaram resultados semelhantes: numa segunda cirurgia, 50% dos atletas operados de uma ruptura total do tendão patelar retomaram a atividade esportiva no mesmo nível anterior.

Um livro organizado por Saillant em 1992, com diversos artigos sobre lesões em atletas, traz outro número. Nele figura uma pesquisa com 142 joelhos operados de tendinites: 95% dos operados puderam retomar a atividade esportiva; destes, 77,5% no mesmo nível de antes. Mas, quando o tendão é operado pela segunda vez, nota-se uma inversão de expectativa: 72% obtiveram um resultado "médio" e "ruim", e 26%, "bom" e "excelente". Tendinite não é o mesmo que rompimento do tendão. Mas é bom não esquecer que a origem do problema de Ronaldo foi uma tendinite.

Para piorar, o caso de Ronaldinho é raro no futebol. A ruptura do tendão patelar é característica de esportes de impulsão, como basquete, vôlei, salto em altura ou em distância. "Em dez anos como médico do Paris Saint-Germain, nunca vi uma", testemunha Alain Simon, hoje atendendo na Clínica do Esporte, em Paris. Outro especialista em joelho, o médico da seleção brasileira e do Corinthians, Joaquim Grava, viu apenas três casos de rompimento total em 22 anos de medicina.

Grava faz uma ressalva à recente cirurgia feita por Saillant – reconstruiu o tendão rompido e reforçou-o com ajuda do tendão de cima, o quadricipital, que liga o fêmur ao joelho. Grava costuma usar enxertos artificiais – fios de aço – para reforçar o tendão. O fisioterapeuta Nivaldo Baldo também tem uma restrição à técnica do francês: "Mexer no ligamento bom (o quadricipital) de um joelho reconhecidamente problemático não era o mais adequado", afirma.

"Apesar de todo o sofrimento, eu acho que a natureza foi boa com o Ronaldo. Essa ruptura permite que se possa reposicionar a patela (rótula) dele e curar o problema de vez; se ela não acontecesse, ele poderia continuar sofrendo com as tendinites", pondera Grava.

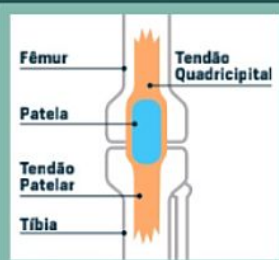
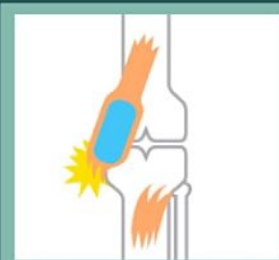
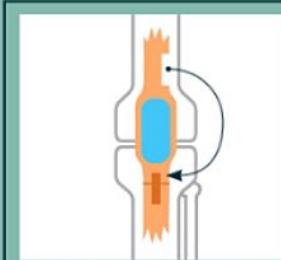
Mesmo que isso se verifique, resta o problema do joelho esquerdo, que também apresenta um quadro de tendinite crônica. Segundo Saillant, Ronaldinho não tem mais dor no local atualmente, mas isso provavelmente só ocorre porque o joelho esquerdo pôde descansar no longo período de recuperação entre a cirurgia de novembro do ano passado e a do último dia 13.

Saillant atribuiu a lesão a uma fragilidade natural dos tendões do jogador e à especificidade de seus movimentos. "Todo mundo tem seu ponto fraco, e o dele são os tendões. Acrescente-se a isso seu estilo de jogo. É um jogador explosivo, de muita velocidade", sustenta.

Em fevereiro de 1996, na Holanda, Ronaldinho sofreu a primeira cirurgia no joelho direito, originada pela doença de Osgood-Schlatter, uma má-formação na fase de crescimento. Nessa intervenção, foram retirados fragmentos de cartilagem que grudaram no tendão patelar. A doença de curioso nome não tem relação direta

> **"Para piorar, o caso de Ronaldinho é raro no futebol. A ruptura do tendão patelar é característica de esportes de impulsão, como basquete, vôlei, salto em altura ou distância**

## O QUE ACONTECEU

**Nós sabemos, você já viu dezenas de desenhos do joelho de Ronaldinho e não entendeu nada. Sua última chance são os quadros ao lado**

A má posição da tíbia em relação ao fêmur tensionou o tendão patelar e causou as dores crônicas no joelho

Depois de duas cirurgias de reparação, o já desgastado tendão ficou exposto à ruptura total. Partiu-se

O médico refez o tendão rompido e optou por reforçá-lo com uma parte do tendão quadricipital

O drama: poucos minutos depois de entrar em campo para enfrentar a Lazio na final da Copa da Itália, Ronaldo voltou a machucar o joelho que havia operado

com o estado atual do jogador, mas, segundo Alain Simon, pode ter influído indiretamente. "A Osgood-Schlatter é curada totalmente com tratamento e repouso. Mas aos 14 ou 15 anos, Ronaldo provavelmente continuou a jogar de forma intensa, e, quando mais tarde foi necessária a cirurgia, talvez tenha propiciado uma fragilização do tendão", supõe.

Joaquim Grava tem outra opinião. Ele conta que Ronaldo sofre com tendinites nos dois joelhos desde os 18 anos porque seus joelhos não têm o posicionamento correto. Mas acha balela a história de que a transformação de menino franzino em atleta musculoso tenha a ver com o problema. "O Ronaldo é bem dotado fisicamente desde os 15 anos", atesta o coordenador-técnico da CBF, Marcos Moura Teixeira, que acompanha Ronaldinho desde 1992, nas seleções brasileiras de base.

Nem todos os especialistas, porém, concordam com essa tese de "fragilidade natural" dos tendões de Ronaldinho. Num artigo intitulado "Ronaldo: uma recaída previsível", publicado no jornal *Le Figaro*, o traumatologista Jean-Pierre Mondenard, com 28 livros sobre medicina esportiva no currículo, insinua que a segunda ruptura do tendão do jogador foi causada por precedentes infiltrações de corticoides, prática arquicondenada no meio médico.

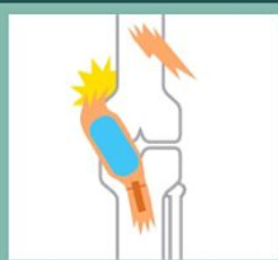
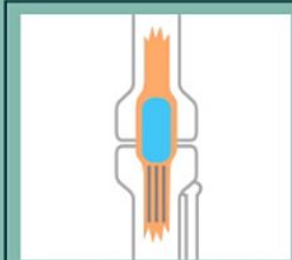
Se injetados no joelho, os corticoides rapidamente desgastam os tendões, agravando o problema. Se ingeridos (como comprimido), tiram a dor, mas só mascaram o problema. Nesse aspecto, é famoso o caso de Garrincha, que tomou infiltrações no auge da carreira e nunca mais foi o mesmo.

"Os corticoides fragilizam o tecido conjuntivo. É eficaz porque esconde, mascara a dor", confirmou Alain Simon, sem, no entanto, se referir ao caso de Ronaldo. "Às vezes há pressão, cobrança pelo fato de o atleta não jogar, e mete-se a seringa de cortisona", acrescenta Mondenard, sem, porém, acusar diretamente os médicos de Ronaldinho.

José Luiz Runco, outro médico da seleção, afirma que Ronaldo assegurou-lhe nunca ter tomado uma infiltração no joelho, mas é inegável que ingeriu um sem-número de comprimidos de Voltaren (anti-inflamatório e analgésico usado para tendinites), sobretudo durante a Copa do

## O QUE PODE ACONTECER

**Mesmo os mais otimistas não garantem que Ronaldo volte 100% nem que ele não tenha novos problemas no joelho**

Mesmo reforçado, o tendão talvez não suporte a massa muscular e os movimentos bruscos do jogo de Ronaldo

A ruptura pode acontecer no tendão quadricipital, que pode se enfraquecer depois que lhe tiraram um pedaço

Alguns médicos optam por reforçar o tendão rompido não com um outro tendão, mas com fios de aço

Mundo de 1998. Anestesiados e tensos, os ligamentos e tendões dos joelhos do craque ficaram expostos às lesões.

Mondenard reprova também nesse caso o uso do Voltaren. Alain Simon é mais indulgente: "O Voltaren, por ser um anti-inflamatório não esteroidal, não é tão nocivo". Nílton Petrone, o Filé, afirma que o jogador não sofreu infiltrações nem tomou Voltaren. "Pelo menos não que eu tenha conhecimento", ressalva.

A data de retorno de Ronaldo à competição, quatro meses e meio depois da cirurgia de 30 de novembro, foi outro gerador de polêmica. O próprio Saillant reconhece as dificuldades da decisão. "É preciso saber que a passagem do período medicado ao não medicado é frequentemente difícil de negociar. Um bom resultado passa por um bom diálogo entre o cirurgião, o atleta, o treinador e o preparador físico, sem esquecer o dirigente esportivo", escreveu na introdução de um de seus livros. No caso de Ronaldinho, poderiam ser acrescentados a essa lista os patrocinadores.

Considerada uma das melhores especialistas em medicina esportiva de joelho da França, a

EDUARDO MONTEIRO

**O craque com o fisioterapeuta Nílton Petrone, o Filé: após a lesão, um mal que assola a humanidade, o achismo, renasceu com toda força**

## O JOELHO DA DISCÓRDIA

O caso Ronaldinho ressuscitou, entre jornalistas, torcedores e até autoridades médicas, um mal que assola a humanidade desde que o mundo é mundo: o "achismo". De uma hora para a outra, todo mundo passou a "achar" alguma coisa sobre o que aconteceu com o Fenômeno. Mais que isso: todo mundo se sentiu na obrigação de achar. Pior: todo mundo passou, também, a acusar. Acusar os médicos, a Inter, a Nike ou quem quer que seja de precipitação. Outros, ao contrário, garantiam que todo mundo era inocente. Isso sem que nenhum desses achistas – jornalistas, torcedores, médicos brasileiros – tivesse convivido nem íntima nem ultimamente com Ronaldo. Ou, ao menos, estado presente no estádio na hora do drama.

Na mesma tarde, uma rede de televisão anunciou, para aquela noite, uma mesa-redonda especial só para debater o caso Ronaldo. Fiquei pensando, como jornalista e como telespectador, o que aquilo poderia acrescentar. Debater o quê? Os presentes, àquela altura, deveriam saber tanto quanto nós, que, atônitos, acompanhamos a sequência dos fatos diante da TV. Mesa-redonda àquela altura, sem Ronaldo, Filé ou algum membro da equipe médica que o acompanhou, não valeria de nada.

O que se viu, a partir dali, foi uma avalanche de gente querendo aparecer, dando palpites, que iam sobre o funcionamento de um joelho até as implicações da grana que o mundo do futebol envolve. Tudo em um mesmo pacote. Raros foram os colunistas que, baseados em suas fontes, procuraram justificar suas teses descrevendo fatos e argumentos coletados no dia a dia. Como podem tantos médicos aparecerem dando seus diagnósticos sobre o futuro do jogador, positivos ou negativos, se, como qualquer mecânico de automóveis, eles sabem que "cada caso é um caso" e que não é prudente ficar analisando problemas de gente que eles nunca examinaram? Como podem tantos jornalistas compararem o caso dele com os de Reinaldo, Zico e outros? Ronaldo pode ter sido vítima da fama, mas não foi a única. Tem muita gente, por aí, vendendo credibilidade em troca de cinco minutinhos dessa mesma mercadoria. **Celso Unzelte**

## BRASILEIROS DE FORA

Um misto de inconformismo, revolta, inveja, ciúme e palpites tomou conta de médicos, fisioterapeutas e preparadores físicos brasileiros após o desastre ocorrido com Ronaldo. Talvez por ter sido um jogador que construiu sua carreira no exterior, criou-se uma barreira quase intransponível entre o craque e as pessoas que transitam em torno do futebol no seu país de origem. Mesmo sendo considerado um patrimônio nacional, nem a cúpula da CBF consegue interferir no tratamento a que ele foi, está sendo e será submetido.

Cheio de dedos, o técnico Vanderlei Luxemburgo, da seleção, sugeriu recentemente aos dirigentes da Internazionale que aceitassem a participação do coordenador-técnico, preparador físico e fisiologista Marcos Moura Teixeira no programa de reabilitação de Ronaldo. Após ouvir um não, Teixeira, resignou-se: "O jogador não é da CBF, é da Inter. Não posso me intrometer, apenas me colocar à disposição". Hoje, a CBF só fica sabendo do que ocorre com Ronaldo por intermédio de Filé.

Entre os especialistas de joelho no Brasil, a frustração é a mesma. Ronaldo não é paciente deles. Se fosse, garantem, poderia não estar vivendo esse novo calvário. "Não pretendo criticar o doutor Gérard Saillant, mas o Brasil tem ótimos médicos de joelho e também ótimos fisioterapeutas", afirma Moisés Cohen, chefe do centro de Traumatologia do Esporte da Universidade de São Paulo e um dos mais respeitados cirurgiões do país. O que mais irrita a classe médico-esportiva brasileira é a falta de informação sobre o histórico do atleta. "Faltam os relatórios da primeira, da segunda e da terceira cirurgias; hoje em dia, toda operação de joelho é filmada, documentada e fica à disposição de todos para auxiliar no tratamento", reclama o fisioterapeuta Nivaldo Baldo, autor da máxima: "Joelho operado fica melhor ou pior; igual, nunca".

Mais do que voltar ou não ao futebol, o grande temor, de fato, é: em que condições Ronaldo vai voltar? A resposta é quase unânime entre os brasileiros: dificilmente ele voltará a ser o mesmo jogador, de arrancadas e dribles em direção ao gol. "Ele deve ter uma performance menor e uma mudança instintiva no estilo de jogo", prevê Moisés Cohen. "Alguns movimentos característicos dele, como as freadas buscas e a mudança de direção ficarão comprometidos", avisa José Ricardo Pécora, ortopedista e médico-assistente do grupo de joelho do Hospital das Clínicas.

SPORT SOCCER

Ronaldo em Milão: um misto de inconformismo, revolta e inveja, tomou conta de médicos, fisioterapeutas e preparadores físicos brasileiros

doutora Elisabeth Brunet-Guedj, do Hospital Édouard-Herriot, de Lyon, considera seis meses o tempo médio para a volta aos treinos depois de uma primeira operação. "Após uma segunda cirurgia, o período é maior", aponta. Saillant estima, hoje, entre sete e oito meses o período para que Ronaldo volte a jogar.

As pressões externas sobre o atleta são evocadas tanto por Alain Simon como por Jean-Pierre Mondenard. "Fui médico de clube, e muitos dirigentes não entendem quando você diz que o atleta terá de ficar meses sem jogar, principalmente quando os salários são enormes. Há os patrocinadores que querem espetáculo, o treinador que exige resultados, o dirigente que paga os jogadores. Diria que agora ele deveria esperar um ano para voltar", diz Simon. Na opinião de Mondenard, o jogador deveria ter retomado a atividade em partidas menos importantes.

Nivaldo Baldo não tem dúvida de que Ronaldo voltou antes do tempo. "Ele retornou claudicando. Qualquer especialista percebe que ele se apoiava na perna esquerda", diz. Baldo não concorda também com os exercícios durante o período de recuperação, que devem ser repetidos agora. Ele os rotula como "exercícios provocativos" ao joelho. "São exercícios na caixa de areia, na cama elástica e sentado na bicicleta." Ronaldo fez tudo isso sob a supervisão de Nílton Petrone, o Filé. "É natural que as pessoas culpem os envolvidos, mas estou tranquilo. Todas as etapas do meu trabalho foram supervisionadas pelos doutores Saillant e Piero Volpi, médico da Inter", rebate Filé.

Enquanto isso, na superacademia de ginástica que montou no andar de cima de sua casa, na Via Pinerolo, em Milão, Ronaldo segue à risca o programa de reeducação elaborado pela equipe médica. Tudo para em 2001 estar incluído na parte saudável dos 50% das vacilantes estatísticas médicas. ■

Chico Buarque (à dir.), com Vinicius e Chico Anysio: "Há uma enormidade de gente por aí sem mais o que fazer", escreveu na apresentação de Ludopédio

NEWTON M. SIQUEIRA

# AGORA EU ERA HERÓI

A exposição Futebol de Brinquedo, no Museu do Futebol, em São Paulo, é um comovente passeio ao prazer lúdico de imitar a realidade — e sorrir

**Fábio Altman**

Amigos, a exposição *Futebol de Brinquedo*, no Museu do Futebol, em São Paulo, ali debaixo das arquibancadas do que um dia foi o Pacaembu, é um passeio silencioso, com cheiro de madeira e plástico, a um tempo em que se enfrentavam os batalhões, os alemães e seus canhões, em que se guardava o bodoque e se ensaiava o rock para as matinês. Os organizadores da mostra tiveram a delicadeza de não levar para o salão os videogames, tão onipresentes, tão reais, tão sem imaginação, e que aceleradamente ganham status de esporte – já não têm a ingenuidade lúdica da infância. E então, a poucos metros da entrada principal, como o zagueiro que recebe a bola do goleiro no canto esquerdo da pequena área, uma vitrine exibe um jogo de mesa, o tabuleiro e as cartas. O comentário de seu criador, em um pedaço de papel já amarelado, é uma joia de ironia e inteligência. Assim: "Este jogo que foi criado na Itália em 1969, época em que seu autor, evidentemente, não tinha mais o que fazer. O poeta italiano Sergio Bardotti, incentivador e tradutor de música brasileira, colaborou em sua primeira execução, na falta do que incentivar ou traduzir. O jogo passou impunemente pela alfândega e encontrou no Brasil meio dúzia de desocupados a lhe aderir. E ficaria restrito a um pequeno grupo se o pessoal da Grow não se atravesse a publicá-lo com o nome de *Ludopédio*. Não sem antes calcu-

lar, na ponta do lápis, que há uma enormidade de gente por aí sem mais o que fazer". O dono da ideia é Chico Buarque de Hollanda, que então se autoexilara em Roma, durante a ditadura militar no Brasil. *Ludopédio* é uma mistura de *Banco Imobiliário* com *War*, guardadas todas a devidas e indevidas comparações.

Naquele período em que muita gente não tinha mesmo o que fazer – e muitos tinham de fugir do ódio dos generais de plantão, porque defendiam a democracia –, na ausência dos *reels* e *joysticks*, o jeito era se debruçar na mesa do futebol de botão, nos bonecos, nas tampinhas de refrigerante, no pebolim (totó), no totó (pebolim) etc., em qualquer objeto que, à guisa de bola, passasse entre pregos pousados numa tábua. A emoção com a mostra não é sinônimo de nostalgia, mas de ver as coisas como as coisas eram e ainda podem ser, como quem chupa um chicabon. *Futebol de Brinquedo* exibe 100 peças, sem considerar os milhares de botões. Há até um jogo lançado com a marca PLACAR no início dos anos 1990, para diversão em família, também de cartas, exibido com pompa e circunstância. A curadoria é do jornalista e editor Marcelo Duarte, que já foi diretor de redação da revista. "O futebol talvez seja um dos poucos temas que conseguem fazer um pai conversar com um filho adolescente", diz. "E brincar de futebol os aproxima mais ainda."

Parte das relíquias, a *madeleine* de Proust, veio da coleção do engenheiro eletrônico e professor Sergio Paz, de 64 anos. "Gosto do futebol como cultura", diz ele, que diz ter se afeiçoado aos botões com um tio relojoeiro, de quem ganhava os vidrinhos. Na cuidadosa montagem, houve preocupação de conversar com os muito bem-vindos humores dos novos tempos, especialmente na oferta de brinquedos de futebol para meninas, que praticamente inexistia nas décadas passadas. A solução bacana: há botões com uniformes de equipes femininas e minicraques com mulheres. Se há bonequinhos do Neymar, deveria haver os da Marta, e lá estão.

Vale, ao fim da jornada, em cartaz até abril do ano que vem, ficar com o aviso de Chico Buarque, ao pé da apresentação do *Ludopédio*: "Cada qual que o curta como bem entender. Ou não. Aliás, as regras estão aí mesmo para serem desrespeitadas". *Futebol de Brinquedo* não é brincadeira. E para ficar com Chico, tricolor das Laranjeiras de escol, anote-se um outro lindo comentário em torno do mais genuíno divertimento, que não está fisicamente no museu, mas de lá não sai, como se ecoasse no ar: "Pelada é uma espécie de futebol que se joga, apesar do chão". ■

MUSEU DO FUTEBOL

MUSEU DO FUTEBOL

**No salão debaixo das arquibancadas do Pacaembu: destaque para o jogo de PLACAR e os bonequinhos femininos especialmente criados para a mostra**

# UM TIME ALÉM DE SEU TEMPO

A saga do grande time do Bahia campeão brasileiro de 1988. E quem não se encantou com a elegância sutil de Bobô, como cantou Caetano?

**Miguel Leite**

*O trecho a seguir – com pequenas adaptações – faz parte do livro* Mais Um, Bahêa, *de Miguel Leite, a ser publicado pela editora Primeiro Lugar. Ele narra parte do título brasileiro do tricolor em 1988, depois de ganhar do Internacional na final em dois jogos. Vitória por 2 a 1 na Fonte Nova e empate em 0 a 0 no Beira-Rio. De seus 29 jogos no campeonato, o Bahia venceu treze, empatou oito e perdeu cinco.*

O meia-atacante Bobô: estrela de uma equipe muito bem montada por Evaristo de Macedo, capaz de armar contra-ataques com rara precisão

Na década de 1980, eram comuns os filmes que contavam em seu enredo com viajantes do tempo. Os dois que não me saem da cabeça são *De Volta para o Futuro* – Marty McFly vai e volta no tempo a bordo do DeLorean turbinado pelo Dr. Emmett Brown – e o clássico dos clássicos *O Exterminador do Futuro*. Este dispensa apresentação. Pois bem, tenho a leve desconfiança de que o Mestre Evaristo de Macedo andou conversando com esses viajantes do tempo, uma vez que naquela década os times jogavam normalmente com três linhas, 4-3-3 e 4-4-2 eram os esquemas mais usados, com pouca movimentação dos jogadores entre as linhas. O Bahia, após testar várias formações táticas durante a fase classificatória do Brasileiro, encontrou no 4-2-3-1 sua forma ideal de jogar, com as quatro linhas bem definidas, mas com intensa movimentação entre elas, e com os jogadores entendendo bem quais eram seu papel em campo. A marca registrada do Tricolor era o fato de não ser um time estático em campo. O time subia ao ataque e voltava na marcação com a mesma desenvoltura, os jogadores alternavam de posição. Somente os dois zagueiros e Charles atuavam numa faixa mais limitada do campo. Diz Zé Carlos: “O mais importante daquele time de 88 era que o nosso time não mudava a forma de jogar, perdendo ou ganhando”.

Era nítido perceber que, mesmo com todos os jogadores tendo seu papel pré-definido, o time ia se adaptando ao adversário e ao clima do jogo sem perder suas características. Evaristo dava liberdade ao time e Paulo Rodrigues – até hoje não entendo como surgiu tão tarde e nunca jogou na seleção – ditava o ritmo do jogo. Era o treinador dentro de campo. Nas palavras dele: “Antes da partida Evaristo sempre nos falava e deixava a gente sempre à vontade nas preleções.

O que vocês querem? Você quer marcar mais para a frente ou você quer esperar um pouquinho o adversário? Aí, dependendo da situação e do adversário, a gente escolhia. Mas eu que ditava o ritmo. Evaristo lá do banco falava: Você vai ditar o ritmo, a hora de acelerar e a hora de a gente cadenciar mais um pouquinho".

Quando jogava em casa, a zaga atuava com a linha avançada, próxima ao meio-campo, o que diminuía o espaço para o adversário ficar trocando passe. O Bahia só recuava as linhas quando, intencionalmente, deixava a bola com o adversário para sair rápido nos contra-ataques, situação similar aos jogos fora de Salvador. Os dois laterais se preocupavam mais com a marcação, mas também apareciam no campo ofensivo para apoiar as jogadas pelas pontas. Só iam na boa, nada de deixar a retaguarda desguarnecida. Paulo Róbson aparecia com mais frequência que Tarantini no campo de ataque, o que ficou bem evidente no jogo contra o Sport em Recife, quando o lateral esquerdo fez a assistência para o gol de Charles e deu um belo chute bem defendido pelo goleiro adversário. No mata-mata, o lado direito acabou sendo o mais frágil defensivamente. Os três gols tomados foram por ali. Os dois na Fonte foram em bolas enfiadas nas costas de Tarantini. Paulo Rodrigues e Gil, além do papel defensivo fundamental na proteção da zaga, eram duas peças importantes no setor de armação da equipe.

Todo time que atua no 4-2-3-1 depende bastante dos dois "volantes", pois são eles que iniciam as jogadas ofensivas e precisam aparecer como "homem-surpresa" lá na frente. Em 1988, os dois volantes faziam exatamente isso, o que os tornava imprescindíveis no esquema montado por Evaristo. Aparentemente, Paulo Rodrigues era o primeiro volante e Gil, o segundo, mas só na aparência mesmo, pois os dois revezavam de posição o tempo todo. Quando um ia, o outro ficava. Assim, a zaga estava sempre protegida. Dificilmente um adversário conseguia puxar um contra-ataque pelo meio. Paulo Rodrigues era o cara responsável por trazer a bola da defesa até o meio, o que fazia com maestria, e ainda dava suas chegadas na frente, principalmente pegando rebote na entrada da área ofensiva ou se apresentando pela ponta direita. Gil era o que se convencionou chamar "jogador box-to-box": tanto fechava a área como aparecia lá na frente para concluir. Não por acaso, marcou o gol da classificação para a final e fez o primeiro gol do Bahia na Libertadores. A segunda linha do meio tinha Zé Carlos pela direita, fazendo papel importante na criação de jogadas e no auxílio na marcação. Zé era uma formiguinha, não parava quieto, movimentava-se o tempo todo pelo lado direito de ataque. Não era um exímio driblador, mas na velocidade sempre levava vantagem sobre o marcador. Tinha cacoete de meia, por isso, às vezes, fechava e decidia a jogada por ali mesmo, como no gol antológico contra o São Paulo e nos passes para Charles e Osmar nos gols das viradas contra Fluminense e Internacional, respectivamente. Importante destacar que Zé Carlos faz questão de ressaltar que seu desempenho em 1988 se deveu muito à entrada de Tarantini no time: "Grande cara, o Bobô. Mas você sabe quem era diferenciado mesmo? Tarantini. Você leu certo. Ta-ran-ti-ni. Eu vou te explicar como esse cara provavelmente mudou o destino do Bahia naquele campeonato de 88. O lateral-direito titular era Zanata; Tarantini, o reserva. Zanata era ídolo do Bahia, um jogador técnico e muito ofensivo. Eu precisava cobri-lo o tempo inteiro. No meio da competição, ele se transferiu para o Palmeiras. Tarantini não tinha a mesma técnica, mas era um monstro marcando. Era o que eu precisava para jogar com total liberdade".

Bobô jogava centralizado, era o cara responsável por armar o time e puxar o contra-ataque. Procurava se posicionar entre os volantes e a zaga adversária para pegar a bola livre. No segundo tempo do jogo contra o Fluminense, em Salvador, ele fez muito bem essa função, puxando perigosos contra-ataques. Era também o cara responsável por entrar na área adversária, fazendo dupla com Charles. Reputo esse como o ponto forte de Bobô desde sua chegada ao Bahia: entrava muito bem na área adversária e era dominante nas bolas aéreas, quase imparável. Não foi um acaso marcar dois dos seus três gols nas finais de cabeça, jogada forte do Bahia desde 1986. Diz Bobô: "Nosso time era muito veloz, muito leve e armava bons contra-ataques. O Evaristo sempre buscou o que as pessoas falam que hoje é o 'futebol moderno'". ■

Mais Um, Bahêa: anos 80, uma década de conquistas, *de Miguel Leite, Editora Primeiro Lugar, 392 páginas, R$ 50 + frete (entrega em todo o Brasil) Em pré-venda no www. edprimeirolugar.com.br/bahia ou www.contate.me/plugar*

# A ELEGÂNCIA EM CAMPO

O inglês **Bobby Charlton**, ídolo do Manchester United e da seleção, sobreviveu a um acidente de avião — e então fez história, como um dos grandes

SPORTING HEROES

O cavaleiro (com a taça na mão), que jogava como se estivesse de terno: campeão do mundo em 1966 pela Inglaterra, feito *Sir* pela rainha Elizabeth

O atacante inglês Bobby Charlton parecia vestir no gramado, de chuteiras, o terno de lã azul que costuma usar quando não praticava esporte. Altivo, elegante, dono de uma visão de jogo inigualável e com faro de gol comparado ao do húngaro Puskás, seu contemporâneo, era considerado um dos grandes, senão o maior jogador da história do Manchester United e da seleção da Inglaterra. Em 1966, em Wembley, palco da final da Copa do Mundo vencida pelos inventores do futebol, o capitão do time era Bobby Moore – mas a rainha da Inglaterra, Elizabeth II, fez questão de oferecer a taça Jules Rimet também a Charlton. Em 1994 ela o condecoraria como *Sir*. Era a celebração de um atleta que atravessou as décadas, campeão em tudo, autor de 298 gols (249 pelo Red Devils, recorde que seria batido apenas em 2017, por Wayne Rooney), como se cumprisse uma missão: homenagear os companheiros do Manchester que tinham morrido em um acidente de avião em 1958.

O elenco retornava de uma partida de quartas de final da Copa dos Campeões da Europa contra o Estrela Vermelha (empate em 3 a 3, com dois gols de Charlton), disputada em Belgrado. A escala em Munique, com a pista coberta de gelo, foi o palco da tragédia. Havia 44 pessoas a bordo do voo 609 da British European Airways – 20 morreram na hora, outros três no hospital. Houve 21 sobreviventes – entre os quais Charlton e o treinador Matt Busby, que montara a extraordinária equipe. Busby, como comprovação de seu sucesso, seria citado pelo Beatles na canção "Dig It", do álbum *Let it Be*, de 1970. Instado a lembrar o acidente, o que acontecia com frequência indesejada, Charlton resumia seu sentimento com sinceridade comovente. "Penso nisso todos os dias da minha vida. Eu não acho que tive sorte ou algo assim. Nunca pensei desse jeito. Como posso estar bem e todos os outros terem ido embora? Você se sente um pouco culpado".

Com Pelé, fez uma tabelinha inesquecível de personalidades. Disse ele sobre o Rei, depois da atuação na Copa de 1970: "Às vezes sinto que o futebol foi inventado para este mágico jogador". O brasileiro retribuiria, entre outras tantas vezes, quando o inglês fez 81 anos: "Feliz aniversário ao *Sir* Bobby Charlton. Excelência da Inglaterra. Nós batalhávamos como cavaleiros na nossa época – e agora nós dois somos cavaleiros!"

Bobby Charlton morreu em 21 de outubro, aos 86 anos. Sofria de demência desde 2020. "Amo a Inglaterra por vários motivos, mas um deles é o carinho que dedicam a seus mitos", disse o treinador catalão Pep Guardiola, do Manchester City. "*Sir* Bobby Charlton representa o Manchester United e o futebol inglês como ninguém." ■

# PLACAR TV

Fique por dentro de tudo o que está rolando no mundo da bola